

## A Páscoa de Fé de S. Teresa de Lisieux

- «Estas *trevas são luminosas*, mas, apesar de tudo, *são trevas*»<sup>1</sup>.

- «Oh, pedi a Jesus, vós que sois a minha luz, que ele não permita que as almas sejam privadas por minha causa das luzes que lhes são necessárias, mas que *as minhas trevas sirvam para iluminá-las...*»<sup>2</sup>.

- «No fim de contas, para mim é igual viver ou morrer. Não vejo bem o que terei a mais depois da minha morte que não tenha já nesta vida.

Verei a Deus, é verdade! Mas *quanto a estar com ele, já estou inteiramente na terra*»<sup>3</sup>.

- «Vejo o que *acreditei*, possuo o que *esperei*, estou unida Àquele que *amei*, com toda a minha capacidade de amar»<sup>4</sup>.

### Introdução

O conflito da luz e das trevas serviu na rica tradição bíblica, patristica e medieval<sup>5</sup>, aliás, como ainda hoje<sup>6</sup>, para desenvolver o

---

<sup>1</sup> Ct 78. A autora carrega ainda mais as tintas: «as mais espessas trevas» (Ms C, 5 vº).

<sup>2</sup> Ct 112. «Que todos aqueles que não são iluminados pela antorcha da fé a vejam por fim brilhar» (Ms C, 6 rº).

<sup>3</sup> CA 15.5.7.

<sup>4</sup> Ct 245.

<sup>5</sup> «Deus é luz e n'Ele não há trevas» (1 Jo 1,5); «a luz brilha nas trevas» (Jo 1,5). «Chamou-nos das trevas à sua luz admirável» (1 Pe 2,9), para «reflectirmos como num espelho a glória do Senhor» (2 Co 3, 18). «Deus que disse, que das trevas resplandecesse a luz, é que brilhou nos nossos corações, para fazer resplandecer o conhecimento da glória de Deus, que se reflecte na face de

tema da intercomunicação luminosa de Deus com o homem, em termos de noite, treva, obscuridade, como no caso de Teresa do Menino Jesus e da Santa Face<sup>7</sup>. Na verdade, tanto Deus como o homem são um mistério a explorar<sup>8</sup>, uma noite escura um para o outro<sup>9</sup>, uma prova recíproca de reconhecimentos e de amores<sup>10</sup>.

---

Cristo...Trazemos sempre no nosso corpo a morte de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste no nosso corpo mortal» (2 Co 4,6.10); «que há de comum entre a luz e as trevas?» (2 Co 6,14). Teresa, «filha da luz» (Ms B, 4 r<sup>o</sup>), «foi mais hábil nos seus negócios que os filhos das trevas» (Lc 16, 8).

<sup>6</sup> «Toda a vida dos homens, quer individual, quer colectiva, se apresenta como uma *luta verdadeiramente dramática* entre o bem e o mal, *entre a luz e as trevas*» (GS.13).«Trava-se ao longo da história humana uma *dura batalha contra o poder das trevas*; começada nas origens do mundo, durará, como diz o Senhor, até ao último dia. Embrenhado nesta liça, o homem deve lutar continuamente para aderir ao bem e, só à custa de grandes esforços com o auxílio da graça de Deus, é capaz de realizar a sua unidade interior» (GS.37).

<sup>7</sup> «Este bem-amado instrui a minha alma, *fala-lhe no silêncio, nas trevas*»(Ct 135). «Permitiu que a minha alma fosse invadida pelas *mais espessas trevas*» (Ms C, 5 v<sup>o</sup>). «Ela *vê as trevas*» (Ct 144), a saber, «a noite mais clara que o dia» (Sl 138,12). De facto, «Deus é a luz do homem» (CH 3,70), escreve S. João da Cruz, mas até que aconteça o «*fiat lux*» (Gn 1,3), até que ele veja mais claro de noite que de dia, com a luz espiritual, permanece «escuro e cego» (2 N 8,4), para ver na luz de Cristo (Sl 35,10), a luz da vida (Jo 8,12). O termo «luz», percorre 72 vezes os escritos teresianos, em capicua com o de «trevas», que surge 27 vezes nos seus textos (Cf. *Les Mots de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus. Concordance Générale*, Cerf, 1996).

<sup>8</sup> S. Teresa de Jesus, 4 M 2,5.

<sup>9</sup> S. João de Cruz, 1 S 2,1. Parece-nos que, na linha paulina de 1 Co 1,25, o referido autor, trata como ninguém, o aspecto luminoso e obscuro da fé (Cf. 2N 5, 2; 8, 2; 13, 1.10;.16,11).

<sup>10</sup> «Atrever-me-ia a dizer que *um Deus que nos provasse*, que nos dissesse o que de verdade somos, *ficaria já*, por isso mesmo, *provado*, e que não haverá melhor prova de Deus que esta. Um Deus que prova, não é um Deus provado?...»(Cf. A. Gesche, *Dios, prueba del hombre*, em ST 120, 1991, 251-265). Na verdade, Deus prova o homem (Hb 12,10) e, como homem, foi provado em tudo, como nós, mas sem pecado (Hb 4,15). No dizer de Teresa de Jesus, «prova Deus a seus amadores» (V 11,11), pois, «bem o sabe fazer» (3 M 1,7). A prova é tanto o objecto da sua oração - «prove-nos o Senhor, para que depressa nos conheçamos» (3 M 2,1) - quanto da sua ascese: «provêmo-nos a nós mesmos antes que o Senhor nos prove» (3 M 1,2). No pensar de S. João da Cruz, Deus começa por «provar-nos no pouco...» (CH 2,27). O mesmo pensar em Teresa de Lisieux: «Se fores fiel nas pequenas coisas...ele será OBRIGADO a ajudar-te nas grandes» (Ct 161).

«Nós conhecêmo-nos e dirigimo-nos num círculo incrivelmente reduzido. Imediatamente para além desse círculo começa uma noite impenetrável, e, no entanto, carregada de presenças, a noite de tudo o que está em nós e à volta de nós, sem nós e contra a nossa vontade...Realmente, a partir de certa distância, tudo é negro, e no entanto, tudo está cheio de ser à nossa volta. Aí estão as trevas, carregadas de promessas e de ameaças, que o cristão terá de iluminar e animar com a Divina Presença»<sup>11</sup>.

Um cristão houve que, no século XVI, deu o testemunho de uma *fé viva e adulta* como «meio único, próximo e proporcionado para a comunhão com Deus», e deixou «ditos de luz para o caminho e de amor no caminhar» do cristão — «o justo viverá da fé» (Rm 1,17) —, que há-de guiar-se pela fé — «sem outra luz nem guia senão a que no coração ardia» —, a única luz que — «com sua treva ilumina e dá luz à treva da alma»<sup>12</sup> —, nas noites escuras da prova da vida<sup>13</sup>.

«E, ainda que *trevas* padeço  
nesta vida mortal,  
não é tão crescido o meu mal,  
porque, se de *luz* careço,  
tenho vida celestial,  
porque o amor dá tal vida,  
quanto mais cego vai sendo,  
que tem a alma rendida,  
*sem luz e às escuras vivendo*»<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> T. de Chardin, *O Meio Divino*, Edit. Presença, Lisboa, pp. 78-79.

<sup>12</sup> S. João da Cruz, 2 S 9; D. Pról.; P. V,3; 2 S 3,5.

<sup>13</sup> J. Paulo II, *Carta Apostólica por ocasião do IV Centenário da morte de S. João de Cruz*, n. 4. Para ele, «padecer trevas (é) para grande luz» (Ct 1), «porque o mais puro padecer traz mais íntimo e puro entender» (CB 36,12). Nesta óptica de fé, a prova e a cruz da vida é a porta da sabedoria e a norma da vida cristã: «Quando se lhe oferecer algum dissabor e desgosto, recorde-se de Cristo crucificado e cale; *viva em fé e esperança*, ainda que seja às *escuras*, que nessas *trevas* ampara Deus a alma» (Ct 20).

<sup>14</sup> S. João de Cruz, P. XI, 2. Ele viveu numa sociedade sacralizada, em que praticamente todos criam em Deus, sem que na teologia eclesial se pusesse o problema do ateísmo moderno.

Uma cristã houve, filha deste «Mestre na fé»<sup>15</sup>, que às portas do século XX, retomou a simbólica joanina da luz do amor infinito e da imensidade das trevas obscuras do pecado, para testemunhar a sua experiência simultânea do máximo de luz (gozo) e do máximo de trevas (dor), a sua participação no mistério da Redenção<sup>16</sup>, a sua noite de fé esclarecida pelo amor.

«Ainda que eu sofra sem Luz  
Nesta vida que não é senão um dia  
Possuo ao menos na terra  
A vida Celeste do Amor....

<sup>15</sup> «Na idade dos 17 e 18 anos não tinha outro alimento espiritual senão o de Nosso P. S. J. da C. - Ah! quantas luzes não adquiri com as suas obras!» (Ms A, 83 r<sup>o</sup>).

<sup>16</sup> Para S. João, o *pecado* consiste em preferir as *trevas* à *luz*» (J. F. Six, *Una luz en la noche*, S. Pablo, Madrid, 1996, p. 41). Para dar a entender a situação em que se encontra a partir da Páscoa de 1896, Teresa desenvolveu, em todo o seu relato, a metáfora das «trevas» e da «luz»: «O Rei da *pátria do sol* brilhante veio viver trinta e três anos no *país das trevas*. Mas infelizmente as *trevas* não compreenderam que este rei Divino era a *luz do mundo*» (Ms C, 6 r<sup>o</sup>). Ao ler o comentário de Lamennais à *Imitação*, diz-nos: «Nosso Senhor nos Jardim das Oliveiras *gozava* de todas as delícias da Trindade, e, nem por isso, a sua agonia era menos *cruel*. É um mistério, mas asseguro-lhe que compreendo qualquer coisa, porque *eu mesma o provo* (CA 6.7.4). «Em Cristo, dava-se na terra e dá-se ainda no céu, a máxima tensão possível entre «espírito» e «carne», entre a imediata visão do Pai e o abandono do Pai...Nesta tensão, move-se a contemplação da Igreja e de cada um um dos seus membros» (H.U.v. Balthasar, *La oración contemplativa*, Madrid, 1988, p. 190). Teresa, invadida pelas «trevas mais espessas», apropriou-se do pecado contra a fé (Ms C, 6 v<sup>o</sup>-7 r<sup>o</sup>), tornou-se «mãe das almas» (P. 24,22) pela difusão da luz do Amor no coração da Igreja (Ms B, 3 v<sup>o</sup>). Ao contemplar a imagem do Crucificado, foi iniciada no amor redentor das almas dos grandes pecadores (Ms A, 45 v<sup>o</sup>). Provava o seu amor ao Redentor «atirando flores...» (Ms B, 4 v<sup>o</sup>). A «sua luz brilhou nas trevas» (Is 58 ,10), na «lâmpada da caridade fraterna» (Ct 246), que «ilumina a *todos* os que estão em casa» (Ms C, 12 r<sup>o</sup>). «O amor aos que têm fome...converte-se, para ela, em luz no meio da *noite*» (J. F. Six. *o.c.*, p. 236). «Na sua *paixão*, *Teresa está atravessada* de parte a parte *por esta relação entre a luz e as trevas*. Para Teresa como para Jesus, os pecadores tão fraternal e tão profundamente amados, são ao mesmo tempo os mais terríveis perseguidores, são por excelência os seus inimigos. Amando os que pecam contra a fé, Teresa pratica ao máximo o amor aos inimigos. A sua fé está animada e sustida mais do que nunca pela caridade. O *assombroso* «*Quero crer*» de Teresa é a *expressão mais clara da fé em estado puro*. A separação entre a fé e a visão, habitualmente simbolizada pelo véu, vem simbolizada na santa por um muro» (F.M. Léthel, *Connaître l'amour du Christ*, Ed. du Carmel, Venasque, 1989, pp. 524-527).

No caminho que tenho de seguir  
 Encontro mais que um perigo,  
 Mas por Amor eu quero viver  
 Nas Trevas do exílio<sup>17</sup>.

De facto, a «criança de catorze anos», testemunha a sua experiência de fé, em termos de um imediatismo até ela inaudito: «O caminho pelo qual seguia era tão recto, tão luminoso que não precisava de outro guia senão Jesus...instruía-me em segredo sobre as coisas do seu amor»<sup>18</sup>. Apropria-se das palavras de seu «Pai espiritual», S. João da Cruz, para redizer a mesma vivência amorosa da sua fé perante.

«Não tinha nem guia, nem luz,  
 A não ser a que brilhava em meu coração,  
 Esta luz me guiava  
 Mais seguramente do que a do meio-dia  
 Ao lugar onde me esperava  
 Aquele que me conhece perfeitamente»<sup>19</sup>.

Ao pretender «acompanhá-la» na sua «biografia de fé»<sup>20</sup> - «a prova a que a sua fé foi submetida» (Tg 1,3) — não só eviden-

<sup>17</sup> P. 30,2. «Só há uma coisa a fazer durante a *noite*, a única noite da vida que só virá *uma vez*, é *amar*, Amar Jesus com toda a força do nosso coração e salvar-lhe almas para que seja *amado*...Oh! fazer amar Jesus!» (Ct 96). «Mesmo durante “a noite do nada” (Ms C, 6 vº), optará, com mais generosidade que nunca, pelo caminho do amor» (A. Olea, *Crear amando o el mensaje de Teresa de Lisieux*, Edit. Monte Carmelo, Burgos, 1996, p. 265).

<sup>18</sup> Ms A, 48 vº.

<sup>19</sup> S. João da Cruz, Poema *En una noche oscura*, estrofes 3-4. Cfr. Ms A, 49 rº.

<sup>20</sup> Nasceu a 2 de Janeiro de 1873, num meio de fé excepcional (Ms A, 22 rº). Foi baptizada a 4 de Janeiro, pelo abade Lucien Dumaine, na Igreja de «Notre-Dâme» de Alençon, sendo sua madrinha sua irmã mais velha Maria que, com Paulina, depois da morte da mãe, educaram a menina na fé cristã (Ms A, 18 vº). Estudou as verdades da fé no catecismo e era o «pequeno doutor» do abade Domin (Ms A, 37 vº). «Teresa, desde criança, era muito reflexiva e queria a todo o custo instruir-se nas coisas da fé...» (M. Inês, Pr. 2, p. 150). Os «novíssimos», os mistérios da vida futura, aprendeu-os do abade Arminjon (Ms A, 47 rº). Ela «buscou a verdade da fé» (CA 30.9) e estava firmemente enraizada em Cristo (Mt 7, 24-27). A vida de Teresa foi, desde a sua mais terna infância, uma vida teologal de união com «o Jesus do Amor» (Cf.F. M. Léthel, *Le Jesus de l'Amour. Le christocentrisme de Thérèse de Lisieux, à la lumière de la théologie des saints*, Berlím,

ciamos que a sua «prova de alma»<sup>21</sup> foi essencialmente uma «prova de fé»<sup>22</sup>, melhor dito, uma «prova contra a fé»<sup>23</sup>, melhor ainda, uma «tentação contra a fé»<sup>24</sup>, como realçamos que a «história da sua vocação»<sup>25</sup>, enquanto «verdadeira vocação para o Carmelo»<sup>26</sup>, não

---

Setembro, 1994; *Id.*, *L'Amour de Jésus*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, pp. 113-155). Na verdade, a fé, enquanto adesão amorosa a Cristo (Cf. L. Meuville, *Le regard de foi que provoque la Miséricorde*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, p. 203) constitui um claro «deslocamento do centro de gravidade da sua vida» (Cf. Cardeal Garrone, *Leçons sur la foi*, Apostolat de la Prière, Toulouse, 1955, p. 66; *Id.*, *Teresa de Lisieux e a alegria de crer*, Ed. Paulinas, S. Paulo, 1972). Ela preferiu as sombras da fé às luzes da fé (CA 13.8), o «não-ver» (CA 4.6.1) ao «tudo ver e tudo entender» (CA 11.8.5). O termo «fé» aparece 57 vezes nos seus escritos (Cf. *Les Mots*). «Em Teresa, a fé absorve tudo, sem nada que lhe faça sombra, ela reina em toda a sua vida; uma vida que, literalmente, é uma consequência da sua fé» (A. Combes, *Santa Teresa de Lisieux y su Misión. Las grandes leyes de la espiritualidad teresiana*, San Sebastian, 1957, p. 26).

<sup>21</sup> CA 21/26.5.10. A «prova de alma» consiste essencialmente nos *pensamentos* de dúvida contra a fé (CA 10.8.7), nos *pensamentos extravagantes* que tem que evitar (CA 4.6.3).

<sup>22</sup> Com Teresa, que amou e adorou Jesus na «sombra da fé» (P. 24,27), que aceitou amorosamente o «véu da fé» (CA 11.8.5) e fez da sua «petite voie» um caminho de fé (CA 4.6.1), referimo-nos apenas à obscuridade geral da sua vida de fé, de que Maria é exemplo para todos (P. 54,15). Enfim, relê a «noite da sua vida» (Ct 141) na perspectiva da prova da sua fé (Ct 142).

<sup>23</sup> Ms C, 31 r<sup>o</sup>. «A fé é o terreno por excelência da prova, que põe em causa o próprio objecto da sua fé» (G. M. Garrone, *Ce que croyait Thérèse de Lisieux*, Mame, Tours, 1968, p. 57). «Nada há melhor para a fé que a prova» (A. Combes, «Contemplation et apostolat», Paris, 1950, pp. 89-97).

<sup>24</sup> Ms C, 11 r<sup>o</sup>. «As tentações contra a fé» aumentaram nela «o espírito de fé»: a partir deste espírito de fé aumentado viu que na sua relação com a sua priorisa havia não só um vínculo afectivo, mas que ela era uma presença viva, para ela, do mesmo Jesus. No meio das trevas, nas que já não vê nada, em que Jesus se escondeu, está a priorisa, que é uma bússula que indica Jesus» (J. F. Six, *o.c.*, p. 175).

<sup>25</sup> Ms A, 53 v<sup>o</sup>.

<sup>26</sup> Ms A, 52 r<sup>o</sup>. É «a certeza dum chamamento divino» para se «esconder no deserto do Carmelo» (Ms A, 26 r<sup>o</sup>). «Este lugar, era o Carmelo; antes de «descansar à sombra d'Aquele que eu desejava», devia passar por muitas provas, mas o apelo Divino era tão insistente que embora me fosse preciso *atravessar as chamas*, tê-lo-ia feito para ser fiel a Jesus...» (Ms A, 48 r<sup>o</sup>). «Se verdadeiramente eu não tivesse vocação, teria desistido logo ao princípio...» (Ms A, 49 v<sup>o</sup>). «Bem dolorosas provas deviam ainda provar a minha vocação» (Ms A, 50 r<sup>o</sup>). «Devia mostrar a

foi apenas uma «existência sofrida»<sup>27</sup> e uma «existência gozada»<sup>28</sup>, de «fidelidade provada» (Rm 5,4), como ainda uma autêntica «paixão escondida»<sup>29</sup>, uma verdadeira «prova pascal»<sup>30</sup>, uma «purificação

solidez da minha vocação...agradou-lhe fazer-me comprar a minha vocação à custa de tão grandes provas» (Ms A, 53 vº). Apesar da *eloquência* da sua argumentação, junto do bispo de Bayeux - «desejo fazer-me religiosa desde o despertar da razão» (Ms A, 6 rº) e «desejei o Carmelo logo que o conheci bem» (Ms A, 26 rº), teve que fazer a viagem a Roma «a fim de reforçar a sua vocação» (Ms A, 55 rº). Embora, na viagem, «houvesse de facto com que demolir uma vocação pouco firme» (Ms A, 55 vº), Teresa, «considera-se feliz por ter ido a Roma...porque, «compreendeu a sua vocação em Itália» (Ms A, 56 rº). «*Esperava* que o reino do Carmelo me pertenceria em breve...Jesus preparava-lhe o seu reino, o seu cálice, apresentado pelo Santo Padre» (Ms A, 62 vº). «O Sr. P. Révérony dali por diante nunca deixou de me provar que estava *finalmente* convencido da minha vocação (Ms A, 64 vº)...prometeu-me *fazer tudo o que pudesse a fim de que eu entrasse para o Carmelo...*» (Ms A, 66 rº). «Antes de ver abrirem-se diante de mim as portas da prisão bendita pela qual tanto suspirava, tinha ainda que lutar e sofrer» (Ms A, 67 rº). «Por fim chegou a hora ardentemente desejada» (Ms A, 68 vº). «Assim procedeu Jesus para com a sua pequena Teresa: depois de a ter provado muito tempo, colmou todos os desejos do seu coração» (Ms A, 67 rº). Volta a falar da sua vocação, na véspera da sua profissão: «Nem uma só dúvida sobre a minha vocação me viera ainda ao pensamento...a minha vocação apareceu-me como um *sonho*...Eu não tinha *vocação!*...» (Ms A, 76 rº). Ironia do destino, não só lhe é reconhecida a sua vocação missionária (Ms C 10 rº), como ela própria sente em si «outras vocações» (Ms B, 2 vº), nomeadamente a de «ser o Amor na Igreja» (Ms B, 3 vº).

<sup>27</sup> «A minha alma amadureceu no crisol das provas exteriores e interiores» (Ms A, 3 rº). Na verdade, durante os primeiros cinco anos, Teresa viveu na «escola do sofrimento» (Ms A, 69 vº). Cf. ainda A. Combes, *Saint Thérèse de l'Enfant-Jésus et la souffrance*, Vrin, 1948. «Um dia da carmelita passado sem sofrer é um dia perdido» (Ct 47). «Mesmo no meio dos mais amargos sofrimentos, sinto sempre que é a sua doce mão que golpeia» (Ct 43). «O Deus de Teresa não elimina o sofrimento, mas “prova-nos no que nos é mais querido”» (A. Olea, *o.c.*, p. 101). Para intuir a gravidade do seu sofrimento físico (cf. CA 23.8.1; 26.8.3; 10.8.5; 25.9.2; 29.9.9) e do seu sofrimento espiritual (cf. CA 21/26.5.2; 10.7.13; 19.8.1; 13.6).

<sup>28</sup> Ms A, 36 vº. Consolada com a «inefável doçura» de Jesus, Teresa, para quem «Jesus foi sempre a sua doçura inefável», pede-lhe: «Ó Jesus! *doçura* inefável, mudai para mim em *amargura* todas as consolações da terra!». É que a vida sorria-lhe: «era na terra o Ideal de felicidade» (Ms A, 49 vº). Mais tarde, vem a síntese: «quero sofrer por amor e gozar por amor» (Ms B, 4 vº).

<sup>29</sup> A sua glória de *um dia* foi seguida por uma «dolorosa paixão e *esta paixão não foi só para ele...*» (Ms A, 73 rº). «É a maior cruz que teria podido imaginar» (Ct 155). «No rosto irreconhecível de seu pai vê a face do Senhor, o abismo de amor humilde do Senhor por nós» (Ct 87), por seu Papá (Ct 91): «um golpe de amor» (Ct 94). «No nosso querido pai, Jesus feriu-nos na parte exterior mais

activa e passiva» das motivações humanas da sua fé, esperança e caridade<sup>31</sup>.

sensível do nosso coração...» (Ct 137). Cf. ainda G. Gaucher, *La Passion de Thérèse de Lisieux*, Cerf DDB 1972. «A paixão de Teresa é a mais fiel representação da paixão do Senhor» (F.M. Léthel, *Connaître*, p. 518). «O seu caminho da infância espiritual mais que um êxodo foi uma via-sacra» (J.M. Cabodevilla, *Hacerse como niños. Necesidad para los sabios y escándalo para los justos*, BAC, Madrid, 1994, p. 153).

<sup>30</sup> J. Corbon, art. «epreuve» em *Vocabulaire de Théologie Biblique*, Cerf, 1970, col. 377: «a prova é pascal». De facto, foi «nos dias tão alegres do tempo pascal» de 1896 que Teresa recebeu a «graça de Páscoa» (Ms C,5 vº), isto é, de vir a ser o espelho e representação da «Paixão interior de Jesus», na aparente banalidade da sua doença de corpo e alma, mas que, na realidade, foi, ao mesmo tempo, intensamente obscura e dolorosa, sob o ângulo da fé - «o véu de fé...tornou-se num muro que se eleva até aos céus» (Ms C,7 vº) - e admiravelmente luminosa e bem-aventurada, sob o prisma do amor. Teresa, porém, comunicou mais às suas Irmãs o esplendor do amor que as terríveis tentações contra a fé. O Ms B é, comparado com o Ms C, a luz do amor no coração da Igreja a vencer a noite do pecado no coração do mundo. Numa palavra, a prova de Teresa é a sua identificação com Cristo, o grão de trigo, que morto, deu muito fruto (CA 11.8.2). Subjectivamente, a noite é morte, mas objectivamente é já *ressurreição* (Ms C, 4 vº). Como discípula de S. João da Cruz, sabe que o projecto de uma mulher nova (2 N 3,3), exige tanto uma activa e «viva morte de cruz» (2 S 7,11), quanto uma passiva «morte de espírito cruel»: «neste sepulcro de escura morte convem-lhe estar para a espiritual ressurreição que espera» (2 N 6,1). «Que Deus seja apreensível em tudo e através de tudo o que é vida, parece-nos fácil de entender. Mas pode Deus encontrar-se em tudo e através de tudo o que é morte? É isto que para nós é desconcertante. Contudo, é preciso chegar a reconhecê-lo com um olhar habitual nas passividades de diminuição externas e internas, sobretudo na Morte que transforma a vida até que cheguemos, não apenas a morrer comungando, mas a comungar morrendo» (Cf. T. de Chardin, *o.c.*, pp.77-102). «Quem souber morrer em tudo, terá vida em tudo» (D. 176). Teresa alcançou a iluminação (Ms A,32 rº), a consciência luminosa do seu «nada» (CA 13.8), na pobreza de espírito, na instrução secreta do meio-dia (Ms A, 49 rº). A estatística confirma esta vida cheia de provações: o termo «épreuve» (prova) aparece 143 vezes nos seus escritos e o termo «éprouver» (pôr à prova) surge 30 vezes (Cf. *Les Mots*, pp. 328-329).

<sup>31</sup> «Agora, ela purifica tudo o que se poderia encontrar de *satisfação natural* no desejo que tinha do Céu» (Ms C, 7 vº). Até aí, Teresa «cria» e «sentia» o Céu (Ms C, 6 vº), que «há um Céu» (Ms B, 2 vº); a prova, porém, purifica-a de todo o gozo da fé (Ms C, 7 rº), purifica-a na sua esperança do céu, a saber, no desejo da morte para vêr a Deus (Ms C,4 vº), no do martírio (CA 4.8.7), purifica-a na sua caridade fraterna de toda a consolação natural (Ms C, 22 rº), para a «consumir rapidamente no Amor» (CA 31.8.9). Para o estudo da purificação da fé de Teresa de Lisieux (Cf. Gregorio de Jesús Crucificado, *Las noches sanjuanistas vividas por Santa Teresa del Niño Jesús*, em *Ephem. Carm.*, 11 (1960), pp. 352-382). Mais recentemente e sucintamente (A. Muñoz, *Noche oscura, noche de luz en Santa*

«Deus dignou-se fazer passar a minha alma por muitas espécies de provas; sofri muito desde que estou sobre a terra, mas se na infância sofri com tristeza, já não é assim que sofro agora, é na alegria e na paz, sinto-me verdadeiramente feliz por sofrer... Haverá acaso alma menos provada do que a minha a julgar pelas aparências?»<sup>32</sup>.

Esta sua pública confissão sobre a prova teologal do sofrimento, outrora triste, agora, em alegria e paz, como que pode dividir a sua vida em duas metades, distinguidas, como fase laical da sua vida familiar e primeiros anos de religiosa carmelita, e como fase definitiva de fidelidade teologal, atingida pelo abandono nas mãos de Deus e pela resistência na fé aos ataques das força «diabólica».

«...Sinto-me mais feliz no Carmelo, mesmo no meio de provações interiores e exteriores do que no mundo, cercada pelas comodidades da vida e *sobretudo* pelas doçuras do lar paterno!...»<sup>33</sup>.

Num primeiro momento, abordaremos a «noite da sua alma», entendida como prova da sua fé e fidelidade vocacional e, num segundo momento, aproximar-nos-emos da sua «prova-tentação contra a fé», que foi outra mariana «kénose da fé»<sup>34</sup>, sempre grata consciência da Graça do que Deus fez por ela.

«Encontro-me numa época da minha existência em que posso lançar uma vista de olhos sobre o passado; a minha alma amadureceu no cadinho das provas exteriores e interiores; agora como a flor fortificada pela tempestade volto a levantar a cabeça e vejo que em mim se realizaram as palavras do salmo XXII. (O Senhor é meu Pastor, nada me faltará. Faz-me repousar em pastos agradáveis e férteis. Conduz-me com doçura ao longo das águas.

*Teresita, em Espírito y Vida*. Revista Caribeña de Espiritualidad, vol III, 1996, pp. 135-145).

<sup>32</sup> Ms C, 4 vº.

<sup>33</sup> Ms A, 65 rº.

<sup>34</sup> Cf. J. Paulo II, RM 18. Para Teresa a kénose da fé é a fé mais provada e mais heroicamente fiel ao amor gozoso de Jesus e aos pecadores contra a fé (Ms C, 7 rº). Na sua *juventude*, a fé era-lhe *clara*: «como era *transparente* e *ténue* o véu que ocultava Jesus aos nossos olhares! (Ms A, 48 rº). Depois da Páscoa de 1896, a fé foi-lhe *obscura*: « Para mim não é apenas um véu, mas *um muro* que se eleva até aos céus e encobre o firmamento estrelado» (Ms C, 7 vº).

Conduz a minha alma sem a fatigar...E mesmo quando eu descer ao vale da sombra da morte, não temerei nenhum mal, porque vós estareis comigo, Senhor!...). Sempre o Senhor foi para comigo cheio de compaixão e bondade...Lento em punir e abundante em misericórdias!...(S. CII,v.8)<sup>35</sup>.

### «A noite da minha alma»

Atrevemo-nos a dizer, fazendo bom uso da linguagem activa e passiva do autor da *Noite Escura*, que Teresa, no tempo em que se vestia de fé, esperança e caridade de Cristo (2 S 6), deixava-se revestir de fé, esperança e amor a Jesus (2 N 21). Ela, como escreveu alguém, possuía um «coração teologal»<sup>36</sup>. Pequeninha ainda, era já visitada, no seio da sua família, pelo «Sol nascente».

«Ah! se Deus não tivesse concedido em abundância tão benéficos raios à sua florzinha, nunca ela teria podido aclimatar-se à terra, era ainda demasiado frágil para suportar as chuvas e tempestades, precisava de calor, de doce rocio e brisas primaveris; nunca lhe faltaram todos estes benefícios, Jesus fez-lhos encontrar, mesmo sob a neve da prova!»<sup>37</sup>

Na verdade, «quando tudo lhe sorria à face da terra», «novo período ia começar para a sua alma, em que devia passar pelo cadinho da prova e sofrer desde a infância a fim de poder mais depressa ser oferecida a Jesus». «Como as flores da primavera começam a germinar sob a neve e abrem aos primeiros raios do Sol, assim a florzinha teve de passar pelo inverno da prova»<sup>38</sup>. Refere-se ao trauma ocasionado pela morte de Zélia, sua mãe, compensado,

<sup>35</sup> Ms A, Pról. 3 r<sup>o</sup>- 3 v<sup>o</sup>. Teresa antecipa-nos aqui já a *noite* como *dimensão de toda a vida* (comum a todos os crentes), como *etapas difíceis* do caminho espiritual, como *necessidade* absoluta e como *graça* de Deus.

<sup>36</sup> A fé, a esperança, e a caridade são «as linhas mestras da vida teologal na versão teresiana» (Cf. Victor Sion, *Realismo espiritual de Teresa de Lisieux*, Braga, 1974, p.219). «Ela estava “possuída” por Deus» (Maria do Sagrado Coração, LC 170, 17.9. 1896).

<sup>37</sup> Ms A, 13 r<sup>o</sup>- 13 v<sup>o</sup>. «Entre os 9 e 10 anos (Ms A, 22 v<sup>o</sup>), sofre a *primeira grande crise*» (A. Olea, *o.c.*, pp. 39-54).

<sup>38</sup> Ms A, 12 r<sup>o</sup>.

de imediato, com a livre escolha de Paulina, como sua Mamã<sup>39</sup>, que «veio a perder», quando Jesus lha arrebatou a 2 de Outubro<sup>40</sup>, deixando-lhe o coração mergulhado em tristeza, por «perder a sua Paulina»<sup>41</sup>. Refere-se ainda «às provas que deviam visitar seu pai» e que deveriam de ser também as de suas filhas<sup>42</sup>. Comenta ela : «Infelizmente estava apenas no começo da minha prova!...»<sup>43</sup>. Depois da primeira comunhão — «os mais radiosos dias são seguidos pelas trevas»<sup>44</sup> — sentiu, não só um grande desejo do *sofrimento*, mas a certeza íntima de que Jesus lhe reservava grande número de *cruzes*<sup>45</sup>. Durante a terrível doença dos escrúpulos, que durou *ano e meio*, é-lhe impossível dizer o que sofreu<sup>46</sup>.

<sup>39</sup> Ms A, 13 r°. Adota ainda a mesma linguagem «sofredora»- «o mais doloroso dos três» (Ms A, 13 r°)- para classificar o período da sua existência, que vai desde a morte de sua mãe até ao Carmelo, quando já «todas as suas provas tinham terminado e o inverno de sua alma passara para sempre» (Ms A, 12 v°).

<sup>40</sup> «A dolorosa prova que veio despedaçar o coração da Teresinha...» (Ms A, 25 v°) e a «espada que lhe penetrou o coração», essa «prova que parecia muito superior às suas forças», considerou-a, *a posteriori*, uma grande graça, embora a surpresa a tivesse feito chorar lágrimas bem amargas (Ms A, 25 v°).

<sup>41</sup> Teresa encontrava-se *necessitada* de purificação: «a minha alma está LONGE de estar amadurecida, devia ainda passar por muitos cadinhos antes de atingir o termo tão desejado...» (Ms A, 27 r°).

<sup>42</sup> «Um dia Deus mostrou-me numa *visão* verdadeiramente extraordinária, a imagem *viva* da prova que Ele teve por bem anunciar-nos com antecedência» (Ms A, 20 r°). Porém, «foi do seio da glória que nos alcançou esta doce consolação de compreendermos que 10 anos antes da *nossa grande prova* já Deus no-la mostrava... como proporciona as provas às forças que nos dá» (Ms A, 21 r°).

<sup>43</sup> Ms A, 28 v°.

<sup>44</sup> Ms A, 36 r°.

<sup>45</sup> Ms A, 36 r°.

<sup>46</sup> Ms A, 39 r°. «Aos 12 anos e meio, sofre a *segunda grande crise* da adolescência, superada mais cedo que a maioria da gente, com a entrega generosa aos outros (Ms A, 45 v°- 46 v°), misturada com a doença dos escrúpulos, vencida pela consciência de ser amada na terra e no céu (Ms A, 44 r°), já que o temor a inibe» (A. Olea, *o.c.*, p. 70). Apesar do «grande desejo de praticar a virtude...era ainda muito imperfeita». Aos 14 anos, não conseguia ainda corrigir-se deste defeito: «Tornava-me verdadeiramente insuportável por causa da minha grande sensibilidade e chorava por ter chorado ...estava ainda com os babeiros da infância...Era preciso que Deus fizesse um pequeno milagre para me fazer crescer num instante» (Ms A, 44 v°). Atribuiu este «milagre psicológico» ao Menino Jesus...na sagrada comunhão recebeu a força de Deus, que invadiu a sua psicologia e a fez recuperar «a força de alma» de outrora (C. Meester, *Les mains vides. Le*

Mesmo antes de ser carmelita, já a jovem de Lisieux padecia a influência da pedagogia amorosa de Jesus<sup>47</sup> na fragilidade da sua psicologia humana, verdadeira purificação (educação) da sua feminina sensibilidade, naquele gracioso Natal de 1886, que «transformou a noite da (sua) alma em torrentes de luz»<sup>48</sup>.

«Não foi nesse dia que eu recebi a vocação religiosa. Nosso Senhor querendo só para si o meu primeiro olhar, dignou-se pedir-me o meu coração desde o berço, se assim me posso exprimir. A noite de Natal de 1886 foi, é verdade, decisiva para a minha vocação, mas para a designar mais claramente devo chamá-la antes a noite da minha conversão»<sup>49</sup>.

Ela própria conta que, «à mesma hora em que no ano anterior tinha recebido a (sua) graça», depois de ter confidenciado com

---

*message de Thérèse de Lisieux*, Cerf, 1994, p. 127). «É necessário sair da infância...o crente tem que abandonar a casa onde nasceu, tem que sair da imanência egocêntrica de sua primeira infância para entrar na maioridade, na chamada infância espiritual...No caso de Teresa, ante as palavras de seu Pai, ela compreendeu que a sua infância tinha terminado e que se convertia numa pessoa adulta, que começou a cultivar a infância espiritual: morreu Teresa-criança, ressuscitou Teresa jovem» (J.M. Cabodevilla, *o.c.*, pp. 149- 152).

<sup>47</sup> «Deus fez-me passar por muitas provas antes de me fazer entrar no Carmelo...» (Ct 36). «Antes de descansar à sombra d'Aquele que eu desejava, devia passar por muitas provas, mas o apelo Divino era tão insistente que embora me fosse preciso *atravessar as chamas*, tê-lo-ia feito para ser fiel a Jesus» (Ms A, 49 rº).

<sup>48</sup> Ms A, 44 vº. «A santa conhece evidentemente a metáfora «noite» e o seu alcance na doutrina sãojoanista, mas em nenhuma parte de seus escritos se serve dela para expressar precisamente as suas vivências das «noites» místicas. Usa frequentemente a metáfora «noite», mas dá-lhe um sentido diverso do que tem no Santo, aplicando-a a situações de alma muito diversas. Chama, por exemplo, *noite* ao estado que atravessa a sua alma desde a morte de sua mãe até à sua famosa conversão do dia de Natal (Ms A, 44 vº). Mas, por muita importância que este último acontecimento pôde ter na transformação da sua alma, não pode de modo nenhum comparar-se com o efeito das noites sãojoanistas, nem o que Santa Teresa do Menino Jesus chama noite coincide, pelo menos formalmente, com as descritas por S. João da Cruz» (Gregorio de J. C., *a.c.*, p. 354). «Nesta *noite* de luz começou o terceiro período da minha vida, o mais belo de todos, o mais cheio de graças do Céu...» (Ms A, 45 vº). Aos 14 anos era já o excesso de luz: «O caminho pelo qual seguia era tão recto, tão luminoso que não precisava de outro guia senão Jesus» (Ms A, 48 vº).

<sup>49</sup> «Querendo Jesus mostrar-me que eu me deveria libertar das imperfeições da infância...Teresa já não era a mesma, Jesus tinha-lhe transformado o coração»

Celina as suas «lutas e sofrimentos...sobre a sua vocação», tinha decidido entrar no Carmelo, na noite de Natal de 1887. Porém, antes de sentir a coragem de anunciar o seu segredo ao Pai, teve que sofrer muitas lutas íntimas<sup>50</sup>. Depois de o ter feito, «a sua vocação devia ainda ser provada por dolorosas provas». A negativa que recebeu do tio Isidoro Guérin, diz ela, chocou-a de tal modo que «se retirou com o coração mergulhado na mais profunda amargura»<sup>51</sup>. Seria preciso um *milagre* para ele se decidir a deixá-la partir. Entretanto, Teresa *ora et labora* com «amarga tristeza» e, essa noite, de quinze dias de intervalo, em que «a semente é lançada à terra e germina e cresce sem que o homem o saiba» (Mc 4,27), é tempo de salvação, melhor dito, de provação de sua vocação, por parte da Presença-Ausente.

«Antes de deixar brilhar à minha alma um raio de esperança, Nosso Senhor quis enviar-me *bem doloroso martírio* que durou *três dias*. Oh! nunca como durante esta prova compreendi tão bem a dor da SS.mª Virgem e de S. José à procura do divino Menino Jesus...Estava num triste deserto ou melhor a minha alma era como um frágil barco entregue sem piloto à mercê das vagas alterosas...Bem sei, Jesus estava presente dormindo sobre o meu barquito, mas *a noite era tão negra* que me era impossível vê-lo, nada me alumiaava, nem um só relâmpago vinha rasgar as nuvens sombrias...Sem dúvida é uma triste claridade a dos relâmpagos, mas ao menos, se a tempestade se desencadeasse abertamente, teria podido descobrir Jesus num instante...era *a noite*, a noite profunda da alma...como Jesus no jardim da agonia, sentia-me *só*, não encontrando consolação nem na terra nem da parte do Céu, Deus parecia ter-me abandonado!!!...»<sup>52</sup>.

---

(Ms A, 45 rº). Chama-lhe, dez anos mais tarde, «a noite da minha conversão» (Ct 201). «Esta noite na noite é a primeira manifestação séria da noite, a primeira purificação digna de tal nome...» (A. Muñoz, *a.c.*, pp. 139-140).

<sup>50</sup> Ms A, 50 rº.

<sup>51</sup> Ms A, 51 rº. Certa de que Deus não a abandonaria (Ct 27), refugia-se na oração: «A minha única consolação era a oração, suplicava a Jesus que fizesse o *milagre* pedido pois só à custa dele poderia corresponder ao seu chamamento». Depois que foi ver o seu tio, três dias depois, este diz-lhe que «não era preciso pedir um *milagre*». Ela comenta: «para mim o *milagre* estava concedido, o meu tio já não era o mesmo» (Ms A, 51 vº).

<sup>52</sup> É a *primeira* prova da sua fé (Ms A, 51 rº). «Também não é propriamente *noite* a que tão romanticamente nos descreve como consequência da negativa de

O «consentimento» do tio modificou, por completo, o seu estado de ânimo, aliás, reflectido na natureza, imagem da alegria da sua alma.

«Em minha alma também a noite cessara. Jesus ao acordar tinha-me restituído a alegria, o rugido das vagas acalmara; em lugar da ventania da prova, uma ligeira brisa enfunava a minha vela e eu julgava aportar em breve à *praia* bendita que já avistava tão perto. Ele estava de facto muito perto do meu barquinho, porém *mais de uma tormenta* se devia ainda desencadear e ocultando-lhe a vista do farol luminoso, fazê-lo ter medo de se afastar sem retorno da praia tão ardentemente desejada...»<sup>53</sup>.

A oposição do P. Delatröette, apesar de lhe liquefazer a alma, não lhe quebrou a vontade, pois estava resolvida a atingir os (seus) fins», a mostrar a solidez ds sua vocação». «Só o amor a Jesus — a caridade tudo pode» (1Co 13,7) — a podia levar a vencer as suas dificuldades», especialmente a da sua enorme timidez de falar a um Bispo que, com sua diplomacia, não apenas ficou contente de ela fazer a viagem a Roma a fim de reforçar a sua vocação, mas, como que profetizou de que certamente receberia a resposta em Itália»<sup>54</sup>.

Ao sair da casa do Bispo, desconsolada e triste, deixou correr as lágrimas, não só pela inutilidade da viagem, mas porque, parecendo-lhe que o seu futuro estava truncado para sempre, a «sua alma se afundou na amargura e na paz», embora «consolada», a seguir, pelas Irmãs<sup>55</sup>. Ela «iria até ao Santo Padre se o Senhor Bispo

---

seu tio à sua entrada no Carmelo aos quinze anos (Ms A, 51 rº)...Estamos ante a encenação teatral de uma pequena tragédia, devido ao seu amor próprio, contrariado pelo seu tio...A vontade forte de ser carmelita, aos 15 anos, parece uma manifestação egoísta do seu amor próprio contrariado e, por isso mesmo, necessitado de purificação na noite passiva do sentido» (Gregorio de J. C., *a.c.*, pp. 354-355 e 364). «Para Teresinha, a vocação foi uma *noite escura*, expressa numa *corrida de obstáculos*, muito compreensíveis e naturais a maior parte deles, mas nem por isso menos *noite escura*» (A. Muñoz, *a.c.*, p. 141).

<sup>53</sup> Ms A, 51 vº.

<sup>54</sup> Ms A, 53 vº e 55 rº. Aí recebeu a resposta papal, é certo, mas ainda em tom profético: «*Haveis de entrar se Deus quiser!*...» (Ms A, 63 vº), aliás, reconhecido posteriormente por Teresa: «as últimas palavras do santo Padre deviam ter-me consolado: não eram de facto uma verdadeira profecia? Apesar de todos os obstáculos, o que *Deus quis* já se realizou. Não *permitted* às criaturas fazerem o que elas queriam, mas a sua *vontade Divina*...» (Ms A, 64 rº).

<sup>55</sup> Ms A, 55 vº.

não lhe quisesse permitir a entrada para o Carmelo aos 15 anos»<sup>56</sup>. «Devia iniciar outra viagem mais longa, a da cidade eterna»<sup>57</sup>, pois, «devia fazer absolutamente tudo o que estava em seu poder para corresponder ao que Deus lhe pedia»<sup>58</sup>.

«Roma locuta, causa finita»<sup>59</sup>. Não, não acabou aqui (ali) a sua causa<sup>60</sup>. Muito embora o «fiasco» da audiência papal lhe tivesse causado um mar de lágrimas, no fundo do coração estava em paz, ainda que a amargura lhe enchesse a alma, porque Jesus se calava, parecia ausente, sem nada lhe revelar a sua presença<sup>61</sup>. Contudo, Jesus, a quem se tinha oferecido, ouvira a sua prece. Na sua liberdade, «quis ver o que havia por dentro»<sup>62</sup>, se «ela queria tudo o que ele queria»<sup>63</sup>. Ela queria *entreter o menino* Jesus «que, durante o seu sono, sonhou que se entretinha com o seu brinquedo»<sup>64</sup>. A Madre Inês mandou-a «de Anás para Caifás» (Jo 18,24), isto é, que

---

<sup>56</sup> Ms A, 52 rº. «O Santo Padre era a sua esperança» (Ms A, 66 rº). E, seu pai, dissera ao Sr. Bispo que se lhe não permitisse entrar para o Carmelo ela pediria essa graça ao Sumo Pontífice» (Ms A, 55 rº).

<sup>57</sup> Ms A, 55 vº.

<sup>58</sup> Ms A, 64 rº. «Creio que fiz o que Deus queria de mim, agora só me resta rezar» (Ct 36). «Querida que eu conquistasse a fortaleza do Carmelo à ponta de espada» (Ct 201).

<sup>59</sup> «Oh! Santíssimo Padre, se dissésseis que sim, toda a gente concordaria!...» (Ct 36).

<sup>60</sup> «Ah! tudo acabara, a viagem não tinha a meus olhos mais nenhum encanto pois falhara o seu objectivo» (Ms A, 64 rº).

<sup>61</sup> A prova de Roma potenciou a sua vida teologal: «...sentia-me abandonada...só, só tenho Deus» (Ct 36). «Não encontrava nenhum auxílio na terra que me parecia um deserto árido e sem água; a minha única esperança residia só em Deus...acabava de experimentar que mais vale recorrer a Ele do que aos santos...» (Ms A, 66 rº). Contudo, escreve ela, não deixava de «esperar contra toda a esperança» (Ms A, 64 vº).

<sup>62</sup> Ms A, 64 rº.

<sup>63</sup> «Eu sou a bolinha do Menino Jesus; se ele quiser quebrar o seu brinquedo ele é livre, eu só quero tudo o que ele quer» (Ct 36). «Abandonei-me completamente, tinha feito tudo o que dependia de mim, tudo, até falar ao S.to Padre, por isso não sabia que mais havia de fazer» (Ms A, 67 rº).

<sup>64</sup> Dissera-lhe bondosa e sabiamente o S. Padre: «fazei o que os vossos superiores vos disserem» (Ms A, 63 rº). Já antes o Sr. Bispo de Bayeux lhe respondera que antes de se decidir lhe era indispensável falar com o Superior do Carmelo (Ms A, 54 vº).

escrevesse ao Sr. Bispo para que cumprisse a sua promessa<sup>65</sup>. Cada manhã, depois da missa, ia ao correio, mas, cada manhã, recebia nova decepção, porque a resposta fazia-se esperar. «Não tardarás, se eu espero»<sup>66</sup>. Não se abalava na fé. Pedia a Jesus que lhe quebrasse os laços. Ele quebrou-os, mas de uma maneira muito diferente da que ela esperava<sup>67</sup>.

«A bela festa de Natal chegou e Jesus não acordou...Deixou por terra a sua bolinha, sem mesmo lhe lançar um olhar...O meu coração estava quebrado ao ir à missa da meia-noite, tanto contava assistir a ela por trás das grades do Carmelo!...Esta prova foi muito grande para a minha fé, mas *Aquele cujo coração vela durante o sono, fez-me compreender que àqueles cuja fé é como o grão de mostarda, ele concede milagres e faz mudar de lugar as montanhas, a fim de confirmar esta fé tão pequena; mas para os seus íntimos, para a sua Mãe, não faz milagres antes de ter provado a sua fé.* Não deixou Ele morrer Lázaro, apesar de Marta e Maria lhe terem mandado avisar que estava doente?...Nas bodas de Caná, tendo a SS.m<sup>a</sup> Virgem pedido a Jesus que socorresse o Dono da casa, não Lhe respondeu que a sua hora ainda não tinha chegado?...Mas depois da prova, que recompensa! a água transforma-se em vinho...Lázaro ressuscita!...Assim agiu Jesus com a sua pequena Teresa: depois de a ter provado *muito tempo*, colmou todos os desejos do seu coração...»<sup>68</sup>.

A maneira muito diferente de Jesus a «libertar» das «ataduras» do mundo deu-se, como acabamos de vêr, de um modo directo-indirecto — «Deus escreve direito por linhas tortas» — por meio

---

<sup>65</sup> Na sua comoção e afecto, dera-lhe uma réstea de esperança, ao dizer-lhe, na despedida, que «nem tudo estava perdido...que certamente receberia a resposta em Itália» (Ms A, 55 r<sup>o</sup>).

<sup>66</sup> S. João de Cruz, D. 29.

<sup>67</sup> «Era tão grande a confiança que não deixava de esperar que me fosse permitido entrar a 15 de Dezembro» (Ms A, 67 r<sup>o</sup>).

<sup>68</sup> É a *segunda* prova da sua fé: «esta prova foi muito grande para a minha fé» (Ms A, 67 v<sup>o</sup>). Aparentemente inactivo - «Jesus não acordou» -, mas passivamente super-activo, ao prová-la na fé, durante muito tempo, usou, não de uma pedagogia extraordinária, como costuma fazer com os de pouca fé, por meio do «milagre», mas ordinária, a saber, pela mediação de pessoas e acontecimentos ia-a fortalecendo na sua fé e vocação. Na verdade, «Jesus estava-lhe a preparar o seu reino, reservando-lhe cruzes e provas, como o Pai lho preparou (Ms A, 62 v<sup>o</sup>) e Ele o preparou aos seus apóstolos (Ct 165).

da prova da sua fé nos acontecimentos aparentemente contrários aos desejos do seu coração. Assim, o silêncio de Jesus — «muito pequeno para falar» — foi substituído — «em vez de Jesus» — pelo cântico das Carmelitas. A distração de Jesus — «nem mesmo lhe lançou um olhar» — foi compensada pela surpresa de Celina, a de um *pequeno* barco que levava o *pequeno* Jesus dormindo, com a *pequena* bola junto de Si e na vela branca escrito: «Eu durmo, mas o meu coração vigia» e, no barco, esta única palavra: «Abandono!». A dormição de Jesus — «deixou a sua bolinha por terra» — era, afinal, o advento do Esposo — «tinha na mão uma bola em que estava escrito o meu nome»<sup>69</sup> - , o assomo d'Aquele cujo coração vigiava — «na missa da meia-noite» —, visitava — «na tarde radiosa de festa» — o seu coração quebrantado de lágrimas, e consolava — «cada palavra derramava-me na alma bem doce consolação» —, desta vez, pela delicadeza do maternal coração da Madre, que sempre a colmara com as mais raras ternuras, imagem «d'Aquele cujo coração vela durante o sono» e que «colmou todos os desejos do seu coração».

Ela própria, apesar de «ninguém ser bom juiz em causa própria», como experta na leitura dos «sinais dos tempos» da sua vida<sup>70</sup>, submetia-se, na noite da sua alma, no encadeamento dos acontecimentos, ao critério dos outros, interpretado como graça da vontade divina de provar a sua fé, exigindo-lhe o «sim» da fidelidade vocacional.

«Ah! se Jesus ainda não falava à sua pequena noiva, se os seus olhos divinos continuavam fechados, ao menos, *revelava-se-lhe por meio de almas* que compreendiam todas as delicadezas e o amor do seu coração»<sup>71</sup>.

---

<sup>69</sup> O «livro da natureza» (Ms A, 2v<sup>o</sup>) é também, de ordinário, um livro de teologia: «Já tinha descoberto, na contemplação das estrelas, o seu nome escrito no Céu» (Ms A, 18 r<sup>o</sup>). No tecido da «história», lida na fé, costuma Deus falar: «Perguntava-me que nome iria ter no Carmelo... De repente, pensei no Pequeno Jesus que tanto amava e disse para comigo: «Oh! como ficaria contente se me chamassem Teresa do Menino Jesus!». *Não disse nada* no locutório acerca do *sonho* que tivera bem acordada, mas perguntando a boa Madre *M. de Gonzaga* às Irmãs que nome me poderia ser dado, veio-lhe ao pensamento o mesmo nome com que tinha sonhado... Fiquei muito contente e considerei esta feliz coincidência de pensamentos como uma delicadeza do meu Bem-Amado Pequeno Jesus» (Ms A, 31 r<sup>o</sup>).

<sup>70</sup> GS 4; 11; 44 b; PO 9 b; 18 b.

<sup>71</sup> Ms A, 68 r<sup>o</sup>.

A pequena bola bem precisava de vigiar para aceitar levar sozinha a cruz de Jesus, tanto mais dolorosa quanto lhe era incompreensível, quer dizer, a decisão tomada pelo Carmelo, depois da resposta do Sr. Bispo, de retardar a sua entrada para *depois da quaresma*.

«Não pude conter as lágrimas ao pensar em tão longa demora. Esta prova teve para mim um carácter muito particular, via os meus *laços rompidos* do lado do mundo e desta vez era a arca santa que recusava a sua entrada à pobre pequena pomba... Quero crer que devo ter parecido pouco razoável ao não aceitar alegremente os meus três meses de exílio, mas creio também que, sem o parecer, esta prova foi *muito grande* e me fez *crescer* bastante no abandono e nas outras virtudes»<sup>72</sup>.

«Foi pior a emenda que o soneto». Teve «três meses» de espera, durante os quais se preparou para ser esposa de Jesus que, com abundantes graças, correspondia à sua vida *séria e mortificada*, à sua prática de nadas, numa palavra, à sua fé e abandono. Podia chegar a hora ardentemente desejada das bodas de Caná, onde, mediante o pedido da Virgem, mãe<sup>73</sup> e modelo da sua e nossa comum fé<sup>74</sup>, Jesus iria fazê-la provar da água transformada em vinho, a amargura da sua glória<sup>75</sup>.

Na manhã de 9 de Abril de 1888, «depois de ter lançado um último olhar aos Buissonnets», deixou o seu ninho familiar e entrou no «deserto» do Carmelo, já muito avançada no caminho da oração e do sofrimento, sem qualquer *ilusão* sobre a vida religiosa<sup>76</sup>, onde

<sup>72</sup> Ms A, 68 rº.

<sup>73</sup> Ms A, 67 vº.

<sup>74</sup> P 54, 156.

<sup>75</sup> Ct 81.

<sup>76</sup> Teresa possuía um alto realismo espiritual: « Encontrei a vida religiosa *tal* como a tinha imaginado, nenhum sacrificio me surpreendeu...Os primeiros passos encontraram mais espinhos do que rosas!...(Ms A, 69 rº). Conta que «uma das suas primeiras recordações» se refere à génese da sua vocação religiosa, nascida por osmose fraterna de Paulina, seu *ideal* humano e seu exemplo cristão, aos dois anos (Ms A, 6 rº). Aos nove anos, ao ouvir dela a explicação da vida do Carmelo, adquiriu a *certeza* do chamamento divino, e queria ir para o Carmelo não por causa de *Paulina*, mas *apenas* por *Jesus*» (Ms A, 26 rº). «Sentia que o que me fazia viver era a esperança de *ser um dia carmelita*» (Ms A, 29 vº). «Esta adolescente de quinze anos tem certamente a maturidade de uma jovem de vinte anos, já madura

encontrou uma PAZ tão doce e profunda<sup>77</sup>, que nunca a abandonou no meio das maiores provas, medidas por Deus<sup>78</sup>, que nos dá a força para as suportar<sup>79</sup>.

Imediatamente fez-se ao ritmo difícil da vida de Comunidade, e, apesar dalgumas graças sensíveis<sup>80</sup>, viveu habitualmente a ausência de Jesus e orou na maior secura da solidão<sup>81</sup>. A aridez era o seu pão quotidiano<sup>82</sup>. O retiro de 1889, para a tomada de hábito, ape-

---

para dar o passo...levada ao Carmelo pela alegria de amar Jesus (Ms A, 53 vº), e não por qualquer outra *ilusão*, que escondesse a cruz do sofrimento (Ms A, 69 vº). «Nos primeiros anos de sua vida religiosa sofreu a *terceira grande crise*, devida à imagem de um “Deus de cólera”, que infunde mais “temor” que “amor”, às picadelas de alfinetes e às ráfagas de vento das irmãs, à doença de seu pai, à secura na oração, ao conhecimento de sua miséria...» (A. Olea, *o.c.*, pp. 75-114).

<sup>77</sup> Ms A, 69 rº

<sup>78</sup> CA 25.8.2.

<sup>79</sup> CA 27.7.15. «Sinto que posso suportar ainda maiores provas...Nesse dia não disse que podia sofrer ainda mais» (Ms A, 73 rº).

<sup>80</sup> Por exemplo, a neve no dia da sua tomada de hábito (Ms A, 72 vº), o grande fervor na hora da morte da M. Genoveva (Ms A, 78 vº), a resposta imediata ao seu desejo de saber se seu pai estava no Céu (Ms A, 82 vº), a descoberta de que o P. Roulland beneficiou da sua oração (Ct 201)...

<sup>81</sup> Teresa, já conhecedora das leis da noite - «Jesus esconde-se, mas nós descobrimo-lo» - prova, quer a amargura de não sentir Jesus presente - «Se ainda sentíssemos Jesus...ele parece a mil léguas» - , quer a doçura da presença: «Ele não está longe, está tão perto...quer dar-nos uma bela recompensa» (Ct 57).

<sup>82</sup> Ms A, 73 vº. Teresa encontrava-se em plena noite passiva dos sentidos. «Com ânsias de amor inflamada», podia já sofrer por Deus um pouco de carga e secura sem voltar atrás (S. João da Cruz, 1 N 8, 3): «Ele gosta mais de me deixar em trevas que de me dar um falso clarão que não seja *ele!*...Hoje, mais que ontem, fui privada de toda a consolação» (Ct 76). Esta passividade mística da purificação da sensibilidade de Teresa comprometia activamente toda a sua existência de mulher consagrada, exigindo-lhe fortaleza - «tudo será para ele...» (Ct 76) - e criatividade para «andar palo próprio pé a grande novidade do trato com Deus que, no melhor tempo, quando andava a seu sabor e gosto nos exercícios espirituais e quando mais claro a seu parecer lhe luzia o sol dos divinos favores, lhe obscureceu de toda esta luz» (1 N 8, 3). «A secura na oração e o pouco gosto na virtude são contemplados como elementos integrantes da comunhão com Cristo crucificado. É necessário morrer com Ele para ressuscitar interiormente (S. João de Cruz, Ct 7). O sentido crucifica-se na negação do gosto, participando nas amarguras do Amado (*Id.*, D. 91. e 96). Sobre o tema (cf. S. Castro, *Jesucristo en la Mística*, Teresianum, 1990/ II, p. 360). A experiência desértica mais profunda da «in-experiência» de Jesus: «o coração do deserto é o deserto do coração» (C. Meester, *o.c.*, p. 34). De facto, na «noite do deserto», Teresa está em plena noite

sar de decorrer em «música calada», foi um «mergulho nas trevas», ainda que em paz e amor<sup>83</sup>. O retiro de 1890, que precedeu a sua profissão, como todos os que o seguiram, foi de grande aridez e, longe de lhe trazer consolação, trouxe-lhe a *secura* mais completa e quase o abandono<sup>84</sup>. Relata assim a sua «prova antes de pronunciar os votos».

«Na véspera (da sua profissão) levantou-se na minha alma uma tempestade como nunca tinha visto...Nem uma só dúvida sobre a minha vocação me viera ainda ao pensamento, era preciso que eu conhecesse esta prova...a minha vocação apareceu-me como um *sonho*...As minhas trevas eram tão densas que não via nem compreendia senão uma coisa: Eu não tinha *vocação*!...Ah! como descrever a angústia da minha alma?...Logo que acabei de falar (confessar a minha tentação do demónio) as minhas dúvidas desapareceram...»<sup>85</sup>.

passiva do sentido, e Jesus «fala-lhe no silêncio, nas trevas» (Ct 135). Mais tarde, ao sofrer a purificação passiva da «satisfação natural» do seu desejo do Céu (Ms C, 7 vº), e das motivações humanas da sua fé (Ms C, 6 vº), é obrigada a «viver a sua fé privada de toda a consolação» (E. Renault, *L'épreuve de la foi. Le combat de Thérèse de Lisieux*, Cerf, Paris, 1991, p. 63).

<sup>83</sup> «Nada junto de Jesus, *secura*! Sono! Ao menos há silêncio!...que faz bem à alma...Querida tanto amá-lo! Amá-lo como nunca foi amado» (Ct 74). Teresa é ave nocturna que vivia de fé: «desejou mais não ver a Deus...e *ficar na noite da fé* que outros desejam ver e compreender» (CA 11.8.5). «Estas trevas são luminosas, mas, apesar de tudo, são trevas» (Ct 78). Desta comunicação em silêncio falava ela, no mesmo dia, a sua irmã Maria, dizendo-lhe que a sua oração está a ser a de uma pobre, incapaz de orar: «o pobre cordeirinho não pode dizer nada a Jesus e, sobretudo, Jesus não lhe diz absolutamente nada» (Ct 75). Além disso, «a prova do Papá...muito me fez sofrer...Deus que me queria provar» (Ms A, 74 vº-75 vº). «Para purificar o seu afecto demasiado sensível a seu pai, Deus serviu-se da prova mais dolorosa que lhe poderia enviar: a enfermidade do pai - *três anos de martírio* - que foi a prova mais terrível de sua vida, em que a um tempo foram educados o seu amor próprio e a sua sensibilidade, graça inapreciável que Deus lhe concedeu» (Gregorio de J. C., *a. c.*, p. 366).

<sup>84</sup> Ms A, 75 vº- 76 rº. Trata-se de «amor seco»: «é um grande amor amar Jesus sem *sentir* a doçura deste amor...o que é um martírio» (Ct 94), antídoto para o orgulho espiritual (Ct 81). Relata um encontro com a M. Genoveva: «Naquele dia sentia-me extremamente provada, quase triste, em tal noite que já nem sabia se era amada por Deus» (Ms A, 78 rº). «Era dura a sua vida de fé escura» (F. Ibarria, *Dios como plenitud del existir en Teresa de Lisieux*, em RE 54 (1995) 345). «É a prova mais dura que lhe podia advir» (F. Ibarria, El «*caminito*» de Teresa de Lisieux, em RE 55 (1996), p. 231).

<sup>85</sup> Ms A, 76 rº- 76 vº. «A Madre Genoveva tinha passado pela mesma prova que eu antes de pronunciar os votos» (Ms A, 78 vº). Já *antes* atribuíra ao demónio

Embora Jesus dormisse como sempre dentro do seu barquinho, sem acordar antes do seu grande retiro da eternidade, contudo, como refere ela, ele foi quem escolheu o caminho — o subterrâneo<sup>86</sup> — que ela estava disposta a percorrer obscuramente, não só, para um dia alcançar o cimo da montanha do Amor<sup>87</sup>, mas ainda, para que as suas trevas servissem para iluminar as almas<sup>88</sup>. Jesus, entretanto, acordou três vezes e, por três vezes, levou consigo uma irmã da Comunidade, para que onde «reinava a morte», reinasse a vida<sup>89</sup>.

Conta ela que, durante o retiro de 1891, pregado pelo P. Prou, «tinha grandes provas interiores de toda a espécie (até me perguntar por vezes se o Céu existia)... O confessor adivinhou-me a alma e lançou-me a toda a vela nas vagas da confiança e do amor...»<sup>90</sup>.

---

a sua estranha doença: «Creio que o demónio tinha recebido um poder *exterior* sobre mim» (Ms A, 28 v<sup>o</sup>- 29 r<sup>o</sup>). Agora «o acto de humildade que tinha feito acabava de pôr em fuga o demónio» (Ms A, 76 v<sup>o</sup>). É, de facto, o *Triunfo da Humildade sobre o orgulho de Satanás* (RP 7). «O belo dia das minhas núpcias chegou, foi sem nuvens...Sentia-me verdadeiramente RAINHA» (Ms A, 76 r<sup>o</sup>-76 v<sup>o</sup>).

<sup>86</sup> Ct 110. É o «laissez-faire» do «abandono» de Teresa, convencida de que Jesus, o amor fiel, tomando-a pela mão, a conduzirá ao cimo da montanha do amor (C. Meester, *o.c.*, p. 54).

<sup>87</sup> Ct 112.

<sup>88</sup> Ms C, 6 r<sup>o</sup>. Estamos ante uma premonição da sua «prova de fé» vivida com espírito apostólico para os incrédulos: «Que as minhas trevas sirvam para esclarecer as almas» (Ct 112). Esta sua «noite ditosa» - «a minha alma está sempre no subterrâneo, mas é aí muito feliz» (Ct 115) -, esta sua «noite luminosa» - «só Ele era o director da minha alma» (Ms A, 80 v<sup>o</sup>) -, esta sua «noite amável» - «amemos não sentir nada» (Ct 197) -, e «amorosa» - «amo-O mais que a mim» (Ct 110) -, serviu-lhe para discernir com atino a «noite escura» de Celina, idêntica à sua (Ct 143), e ajudá-la a aceitar a noite da sua alma como «um MENINO completamente só no mar, num barco perdido no meio das ondas agitadas», deixando que Jesus durma e ela não o ouça nem veja até ao levantar da aurora (Ct 144). Ambas se «deixaram conduzir docemente ao longo das águas» (Ct 142), isto é, «irem docemente na paz e no amor de Jesus» (Ct 143), que «gosta mais de as ver esquivar na noite as pedras do caminho que caminhar em pleno dia numa estrada embelezada de flores que poderia atrasar a sua caminhada» (Ct 211).

<sup>89</sup> É a *noite escura* da Comunidade de Lisieux: «Declarou-se na comunidade uma epidemia de gripe...O dia dos meus 19 anos foi festejado com uma morte, em breve seguida por mais duas» (Ms A, 79 r<sup>o</sup>).

<sup>90</sup> Ms A, 80 v<sup>o</sup>. Seis anos depois, o Senhor enviar-lhe-ia a grande prova da sua fé e da sua vida. «A espiritualidade comum no Carmelo durante o século XIX falava muito do pecado, do demónio, de vítimas, de cooperação na redenção; isto

Persistia a secura — «não sinto nada» — e a impotência teológica — «sou INCAPAZ de orar, de praticar a virtude»<sup>91</sup> — que a fazem realçar mais o protagonismo divino — «os olhinhos fechados de Jesus dizem muito mais à minha alma»<sup>92</sup> — na noite da sua oração, em que Jesus, o mestre interior, secretamente — «no silêncio e nas trevas»<sup>93</sup> — lhe infunde o «não sei quê» da contemplação escura do mistério de Deus<sup>94</sup>, ou seja, a sua profundidade trinitária: «toda a Trindade nos olha»<sup>95</sup>.

No meio destas «securas habituais»<sup>96</sup>, da sua escura contemplação em fé<sup>97</sup> do Amor Misericordioso<sup>98</sup>, sente-se «envolvida e penetrada pelo Amor»<sup>99</sup> e «inundada de luz»<sup>100</sup>. Acontece que a

---

impedia Teresa de atrever-se a caminhar pelo caminho da confiança e do amor. Os pregadores dos retiros eram religiosos muito ortodoxos, cheios de uma espiritualidade do temor. Teve que vir um simples franciscano, pouco apreciado, para que Teresa encontrasse, por fim, um sacerdote que a *confirmasse* no seu caminho» (J. F. Six, *o.c.*, pp. 35-36). Teresa estava *presa* por essa espiritualidade: «o medo de ofender a Deus envenenava a sua vida» (M. Inês, PO, 157).

<sup>91</sup> Ct 143. «A noite visitou Teresa na sua oração: «Não posso dizer que com frequência recebi consolações durante as minhas acções de graças, é talvez o momento em que menos as tenho...Tudo isto não impede as distrações e o sono de me virem visitar...» (Ms A, 79 vº-80 rº).

<sup>92</sup> Ct 160.

<sup>93</sup> Ct 135.

<sup>94</sup> Ct 124. «Quando estou junto do Sacrário só sei dizer uma coisa a Nosso Senhor: «Meu Deus, vós sabeis que vos amo». E sinto que a minha oração não cansa Jesus, que conhece a impotência da sua pobre esposa, e contenta-se com a sua boa vontade» (Ct 152).

<sup>95</sup> Ct 165.

<sup>96</sup> CA 7.7.2. Nesta fase, testemunha ela: «mais tarde todos os livros me deixaram na *aridez*, e é nesse estado que ainda hoje me encontro. Se abro um livro composto por um autor espiritual...o meu espírito fica insensível *sem poder meditar*...Ali (no Evangelho) encontro constantemente novas luzes, sentidos ocultos e mistérios» (Ms A, 83 rº- 83 vº). Quer dizer que, na sua contemplação, Teresa comprova como facto o dito: «Scriptura crescit cum legente» (S. Gregório Magno).

<sup>97</sup> S. João da Cruz, 2 S 10, 4. Teresa lembra o seu caminho de fé às suas irmãs: «a minha pequena via é de não desejar ver nada. Sabeis bem o que tantas vezes disse a Deus, aos anjos e aos santos: não é meu desejo vê-los aqui na terra» (CA 4.6.1).

<sup>98</sup> Ms A, 84 rº.

<sup>99</sup> Ms A, 84 rº.

<sup>100</sup> Ms A, 32 rº.

avezinha fita a Águia no centro do Sol do Amor<sup>101</sup>, de quem recebe a atracção e o fascínio da «notícia amorosa»<sup>102</sup> para se manter em heróica fidelidade contemplativa<sup>103</sup>, no «ofício do amor»<sup>104</sup>, naquele «simples olhar lançado para o céu»<sup>105</sup> que «abrsa com fogo de amor»<sup>106</sup>, na «atenção interior» de quem «está amando o Amado»<sup>107</sup>. É nesta «noite sossegada» no «peito do Amado»<sup>108</sup>, nesta «noite serena» em que a esposa «sente a doce voz do Esposo»<sup>109</sup> que se começa a ouvir o celeste «canto do pássaro solitário»<sup>110</sup>.

<sup>101</sup> Teresa entendia e vivia a vida de fé como o olhar de fé cravado no Amor: «A avezinha...permanecerá sempre com os olhos fixos em ti, quer ser fascinada pelo teu olhar divino, quer tornar-se a presa do teu amor» (Ms B, 5 vº). Este olhar reiterado, indica que a avezinha «quer continuar a fixar o Divino Sol com audacioso abandono» (Ms B, 5 rº).

<sup>102</sup> «Já Deus neste estado é o agente e a alma é a paciente...dando-lhe Deus os bens espirituais na contemplação, que é notícia e amor divino junto, isto é, notícia amorosa» (S. João da Cruz, CH 3, 32). «Num acto lhe está Deus comunicando luz e amor juntamente» (CH 3, 49), para que «as profundas cavernas do sentido...com estranhos primores calor e luz dêem junto a seu Querido» (CH 3, 77-79).

<sup>103</sup> Sofreu a sua incapacidade (distracções, infidelidades, sono...), mas «não muda de lugar, sabe que para além das nuvens o seu Sol continua sempre a brilhar...Continua ali apesar de tudo e fixa a luz invisível que se oculta à sua fé» (Ms B, 5 rº). Na linha dionisiana, esta «notícia sobrenatural amorosa...que é confusa e escura...é «raio de treva» para o entendimento» (S. João da Cruz, CH 3, 49).

<sup>104</sup> Ms B, 5 rº. «A alma também há-de andar só com advertência amorosa pura e simples a Deus» (CH 3, 33). «A simplicidade e a pureza sobrenaturais desta atitude filial e deste olhar obstinadamente fixo em Deus, para além de todas as nuvens e de todas as imagens fazem desta criança uma sublime contemplativa que penetra os mais altos atributos divinos» (P. M-E. de l'Enfant-Jésus, *Ton amour a grandi avec moi. Un génie spirituel, Thérèse de Lisieux*, Venasque, 1987, p. 140).

<sup>105</sup> Ms B, 25 rº. Esta simplicidade de olhar é a exacta definição teológica, tomista-salmanticense, da contemplação como «simplex intuitus veritatis sub influxu amoris» (Cf. P. M-E. de l'Enfant-Jésus, *Je veux voir Dieu*, Tarascon, 1947, p. 394).

<sup>106</sup> Ms C, 36 vº.

<sup>107</sup> S. João da Cruz, P. XIV. Não se esqueça que, para Teresa, «amar» significa primeiramente «deixar-se amar», «lançar-se nos (seus) braços e aceitar o (Seu) Amor infinito» (Ms A, 84 rº) (Cf. J. Loew, *Na Escola da Oração*, S. Paulo, 1982, p. 208).

<sup>108</sup> S. João da Cruz, CB 14-15, 22.

<sup>109</sup> *Id.*, CB 39, 12.8.

<sup>110</sup> *Id.*, CB 14-15, 24.

«O meu Jesus sorri-me quando suspiro por Ele  
Então não sinto mais a prova da fé  
O Olhar do meu Deus, o seu encantador Sorriso  
Eis o meu Céu!...»<sup>111</sup>.

### «A minha prova contra a fé»

Se é verdade que, quando contempla o sorriso de Jesus, não sente a prova de fé, mais verdade é que, quando a Trindade se quer esconder para provar a sua fé, o seu Céu é sorrir ao Deus que adora e sofrer em espera de que Ele a olhe ainda<sup>112</sup>.

«Quando no meu coração se levanta a tempestade  
Para ti, Jesus, levanto a cabeça  
No teu olhar misericordioso  
Eu leio: «Filha, para ti, fiz os Céus»<sup>113</sup>.

Compreende-se, neste contexto, em que o Sorriso do olhar Misericordioso de Jesus era o seu Céu, que «gozasse de fé tão viva, tão clara, que o pensamento do Céu constituísse toda a sua felicidade»<sup>114</sup>.

«Lembra-te que no dia da tua vitória  
Tu nos dizias : «Aquele que não viu

<sup>111</sup> P. 32, 1. «Estamos no «período de transição» entre a noite passiva do sentido e a noite passiva do espírito, segundo o pensamento de S. João de Cruz (2 N 1, 1), em que a alma vive uma segurança e paz, com a impressão de que a prova passou para sempre: «então não sinto mais a prova da fé» (P. 32, 1, v. 2)» (Gregorio de J. C., a.c., p. 371).

<sup>112</sup> P. 32, 5. Estamos ante o heroísmo da sua fé, o seu *crer-se* amada, mesmo não se *sentindo* amada: «*Crer* no amor de Deus por nós é a base da espiritualidade de S. Teresa do Menino Jesus. É porque se sabe amada que tem confiança e se abandona» (Cf. *Notes Documentaires sur la piété filiale de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus a l'égard de Notre Père Céleste*, Lisieux, 1938, p. 85).

<sup>113</sup> P. 36, 4.

<sup>114</sup> Ms C, 5 vº. «Teresa tem uma fé vivíssima, luminosa e radiante, em que Deus é quase *sentido* como presente na alma, o que favorece o crescimento de uma esperança demasiado *sensível* em que se mistura o *sentido*» (Gregorio de J.C., a.c., p. 373). «A esperança de ir para o Céu arrebatava-me de alegria» (Ms C, 5 rº).

«O Filho de Deus brilhando de glória  
 «É feliz, se mesmo assim acreditou!»  
 Na sombra da Fé, amo-te e adoro-te  
 Ó Jesus! para te ver, espero em paz a aurora  
 Não é meu desejo  
 Ver-te na terra  
 Lembra-te...»<sup>115</sup>.

Mais se compreende que, quando a tempestade se elevou no seu coração, «Jesus quisesse dar-lhe a esperança de ir em breve vê-Lo no Céu»<sup>116</sup>.

Dito e feito. Na sexta-feira santa, de 1896, começou a ouvir o primeiro apelo do Esposo que, durante dezóito meses, submeteu a sua fé a prolongada prova<sup>117</sup>, que durou até ao último suspiro da vida<sup>118</sup>.

<sup>115</sup> P 24, 27.

<sup>116</sup> Ms C, 5 r°. «Jesus começou a rasgar um pouco o envelope da sua cartinha» (Ct 231).

<sup>117</sup> «O princípio da noite do espírito pode situar-se cronologicamente com toda a exactidão no caso de Teresa do M. Jesus: começa precisamente no dia de Páscoa da Ressurreição do ano de 1896» e «durou até à sua morte» (Gregorio de J. C., *a.c.*, pp. 374 e 378). «Começa a última grande crise, a batalha mais imisericordiosa de sua vida. Entre os sofrimentos espirituais, o mais horrível é a prova da fé, o assalto das tentações contra a fé, que começa na Páscoa da Ressurreição» (A. Olea, *o.c.*, p. 184). «Permitiu que a minha alma invadida pelas mais espessas trevas e que o pensamento do Céu tão doce para mim não fosse senão motivo de combate e de tormento...É necessário ter viajado neste sombrio túnel para lhe compreender a obscuridade» (Ms C, 5 v°). «Para mim não é apenas um véu, mas um muro que se eleva até aos céus e encobre o firmamento estrelado» (Ms C, 7 v°). «O Céu é de tal modo negro que não vejo nenhuma clareira» (CA 27.5.6). Observamos como a obscuridade e o sofrimento da prova passaram por *um crescendo* de intensidade: «admiro o céu material, o outro é-me cada vez mais fechado (CA 8.8.2); é a agonia toda pura, sem nenhuma mistura de consolação» (CA 30.9).; «é o pão da dor comido numa mesa cheia de amargura» (Ms C, 6 r°). Por fim, exclama: «Ah! sim, que trevas!» (CA 28.8.3). «A Páscoa de 1896 é o momento mais importante de toda a vida de Teresa em que ela entra na noite mais absoluta. Este «crucial acontecimento espiritual» a M. Inês eliminou-o na sua *História de uma Alma* (J. F. Six, *o.c.*, pp. 36-37). «As ondas de luz amorosa» (Ms A, 84 r°) permaneceram até à primavera de 1896» (C. Meester, *o.c.*, p. 131).

<sup>118</sup> «Ah! se a prova que suporto desde há um ano aparecesse à vista, que surpresa!...» (Ms C, 4 v°). Evidencia a continuidade da noite: «Esta prova não devia durar apenas alguns dias, algumas semanas, havia de se extinguir apenas na hora marcada por Deus e...esta hora ainda não chegou» (Ms C, 5 v°). Evidencia a descontinuidade: «É verdade que, por vezes, um pequenino raio de sol vem

Foi toda uma bateria de *tentações contra a fé*<sup>119</sup> apenas para a fazer desesperar<sup>120</sup>.

«Pouco tempo antes de começar a *minha prova contra a fé*, dizia-me: Verdadeiramente não tenho grandes provas exteriores e

---

iluminar as trevas, então a prova cessa por um instante, mas a seguir a recordação desse raio em vez de me causar alegria torna as trevas ainda mais espessas» (Ms C, 7 vº). Para Teresa, «um clarão no meio das trevas» (CA 22.7.1) foi o encontro da galinha abrigando os pintainhos (CA 7.6.1), a descoberta da sua vocação de Amor na Igreja (Ms B, 3 vº), o sonho confirmador da sua «petite voie», que lhe anuncia que morrerá «em breve» e que o Senhor está «muito contente» com ela: «Ó Jesus! então a tempestade não rugia, o céu estava calmo e sereno...*cria, sentia* que o Céu existe e que este Céu está povoado por almas que me querem bem, que me olham como a filha...Compreendi até que ponto ela me amava...e o coração fundiu-se-me em amor e reconhecimento» (Ms B, 2 rº-2 vº). «Servia-lhe de *encorajamento na sua noite de fé*» (C.de Meester, *Dynamique de la confiance*, Cerf, Paris, 1995, p. 320). «A prova de Teresa é «uma duração transformadora», que vai desde a Páscoa de 1896 até à sua morte, dezoito meses depois» (A. Bernard, *Le Dieu des mystiques*, Cerf, Paris, 1994, p. 519).

<sup>119</sup> «Desde que Ele *permitiu* que eu sofra *tentações contra a fé*, acrescentou muito no meu coração o *espírito de fé...*» (Ms C, 11 rº). Teresa «compreende que o demónio ronda a sua vida» (1 P 5, 8-9): «o demónio em redor de mim, não o vejo, mas sinto-o» (CA 16.8). Em sua vigilância, observa o inimigo (Ms C, 23 rº), e «repele muitas *tentações*» (CA 6.8.1), recusando-se a deter-se nesses pensamentos (CA 10.8.7), a «quebrar a cabeça com tormentos» (CA 6.6.2). «Quando o anjo bom *permite* ao demónio esta vantagem de alcançar a alma com este espiritual horror, fã-lo para a purificar e dispôr com esta *vigília* espiritual para alguma  *festa e mercê* espiritual» (S. João da Cruz, 2 N 23, 10). Apesar do confessor lhe falar da «perigosidade» das suas *tentações contra a fé*, não se deixou impressionar por elas, nem quebrou a sua «pequena» cabeça, atormentando-se (CA 6.6.2). Confidência: «Creio que o demónio pediu a Deus a permissão de me tentar com um sofrimento externo, para me *fazer faltar* de paciência e *de fé*» (CA 25.8.7; Ms A, 28 vº; 76 vº). Declaram: «O espírito das trevas, invejoso desta alma tão fiel, esforçou-se ao final da sua vida por quebrantar, por meio de uma *terrível tentação contra a fé*, a sua confiança em Deus» (S II, 568). É a *terceira* prova da sua *fé* (Ms C, 6 vº). «Não resulta algo disparatado deduzir destes pensamentos da jovem que as suas *tentações contra a fé* alcançam o mais nuclear do credo: a sua relação pessoal com Deus» (A. Olea, *o.c.*, p. 193). É preciso não confundir esta sua «grande prova» *contra a fé*, com a prova *da fé*, como obscuridade geral da vida de *fé*.

<sup>120</sup> Teresa compreendeu que a finalidade única da sua prova era para levá-la a dar mais testemunhos de abandono e de amor (CA 10.7.14). Ao apropriar-se da oração sacerdotal de Jesus, na última ceia, Teresa, como Jesus, abandona-se, isto é, entrega-se livremente à sua Paixão de amor em dor, tanto para glorificar o Pai, quanto para fazer cair, do céu à terra, o fogo do amor de Deus sobre os que ela amava (Ms C, 34 vº-35 rº).

para as ter interiores, seria preciso que Deus mudasse o meu caminho, não creio que Ele o faça, e contudo não posso viver sempre assim no repouso...que meio pois encontrará Jesus para me provar? A resposta não se fez esperar e mostrou-me que Aquele a quem amo não tem falta de meios; sem mudar o meu caminho, enviou-me a prova que devia misturar uma salutar amargura a todas as minhas alegrias»<sup>121</sup>.

E realmente a resposta de Jesus não se fez esperar. A sua prova de alma<sup>122</sup>, adveio «de golpe»<sup>123</sup>, quando menos contava<sup>124</sup>. «Jesus, a sua doçura inefável, mudou-lhe em amargura todas as consolações da terra»<sup>125</sup>. A «luz» de Jesus (Jo 1, 5), ia resplandecer na «hora das trevas» (Mc 15, 3). Naquela hora da história, trevas houve que não a receberam (Jo 1, 5b), os «ímpios sem fé» do seu tempo<sup>126</sup>, mas

<sup>121</sup> Ms C, 31 r°. Teresa teve consciência da exemplaridade universal da intensidade e duração da sua prova de corpo e alma, enquanto «teste» da sua «petite voie» e da sua «pequena doutrina» (Ms B, 1v°) para todas as «pequenas almas» (Ms B, 5 v°). «A partir desta data, compreendeu que a sua pequenez era a sua grandeza, não só no seu agir, mas também em seu ser» (E. Renault, *o.c.*, pp. 83; 88). Dissentimos de Six quando afirma que «prova» é um termo pouco frequente em Teresa, embora concordemos com o sentido de forte combate que lhe atribui (J. F. Six, *o.c.*, p. 63).

<sup>122</sup> CA 21/26.5.10. A «prova» de que Teresa fala constantemente a partir da Páscoa de 1896, é uma experiência, voluntária ou não, que põe de manifesto a firmeza ou a debilidade de um carácter, de uma virtude, de uma qualidade qualquer» (Cf. a voz «épreuve» no *Grand Larousse du XIX<sup>e</sup> siècle*). No caso de Teresa, não lhe causa debilitação na fé, mas eleva-a para o combate espiritual com a valentia da fé (J. F. Six, *o.c.*, p. 45).

<sup>123</sup> Ms C, 6 v°. «A noite estala repentinamente» (Gregorio de J.C., *o.c.*, p. 374). «De golpe a fé já não aporta a sua luz nem dá sentido à noite desta vida; é a situação daqueles para quem a noite desta vida se submerge, com a morte, numa noite total» (J. F. Six, *o.c.*, p. 49). «A prova consiste em que esta noite de fé se transforma em *noite total*» (E. Renault, *o.c.*, p. 36).

<sup>124</sup> Teresa fala da imprevisibilidade da hora da prova de Deus, por boca de Joana d'Arc: «A hora marcada por Deus não tinha ainda chegado...Não sabia então as *provas* que me esperavam» (RP 3, 16 bis r°).

<sup>125</sup> *Im. III*, 26, 3. Cf. Ms A, 36 v°. Ironia: Teresa entra nas provas, quando a Igreja celebra a luz de Cristo Ressuscitado! – «Pela cruz foram expulsas as trevas e voltou a luz» (S. André de Creta). *Per crucem ad lucem*: «a “noite do nada”, donde nada pode surgir, vai nascer a “luz da glória”» (J. F. Six, *o.c.*, p. 48).

<sup>126</sup> O termo «ímpio» é, na época de Teresa, de uma dureza que não poderíamos imaginar hoje (J. F. Six, *o.c.*, pp. 38-39). Segundo o *Grand Larousse du*

XIX<sup>e</sup> siècle (1873), ímpio é «aquele que não tem religião, que se opõe às ideias da religião»; segundo o *Petit Larousse*, «ímpio é mais forte que irreligioso, e este mais que incrédulo...O ímpio disfruta atacando a religião e mesmo blasfemando contra Deus»...Ímpio, pois, é o cúme da não-crença...Desde a lucidez da sua «fê tão clara», Teresa admite a sua contradição interior: «Parecia-me que falavam contra o próprio pensamento ao negar a existência do Céu» (Ms C, 5 v<sup>o</sup>). Porém, não é difícil, nem impossível ser «ímpio», como sustentava o Vaticano I. O próprio Jesus concede-lhe a graça de compreender que há «ímpios» que, «por abuso de graças», recusam deliberadamente a fé no Deus de amor e dizem «não» a Deus: «Jesus fez-me compreender que há verdadeiramente almas que não têm fé» (Ms C, 5 v<sup>o</sup>). Já não é sustentável a afirmação de que Teresa não leu os textos sobre Diana Vaughan antes da «sua prova de dúvidas contra a fé» e que o caso Léo Taxil-Diana Vaughan «não supôs, na vida de Teresa, senão um episódio de pouca importância» (E. Renault, *Thérèse et l'affaire Léo Taxil*, em *Vie Thérésienne* 116 (Oct. 1989), pp. 212 e 215). De facto, também a ele lhe chama «irmão», o que denota até que ponto a sua presença é significativa no itinerário espiritual de Teresa (J. F. Six, *o.c.*, p. 73). Já a partir de Julho de 1896 leu a *Novena Eucarística de reparação*, composta por Léo Taxil, em fins de Agosto de 1895. Daí que, o caso D. Vaughan, que Teresa desejava ver carmelita em Lisieux (RP 7, 1 v<sup>o</sup>), sem «adivinhar a fraude», como declarou a M. Inês (PO, 1910), pois, quando soube que tinha sido enganada, rasgou a carta dela e sofreu toda esta paródia e humilhação por causa da fé, fez-lhe ver que há realmente almas afundadas nas trevas mais profundas, pessoas luciferinas, que recusam e combatem, em seu orgulho desmedido, conscientemente a Deus (J. F. Six, *o.c.*, p. 57). Para a descodificação de toda esta mentira - revelada a 19 de Abril de 1897, em Paris, na Sociedade de Geografia (Cf. E. Weber, *Satan franc-maçon. La mystification de Léo Taxil*, Julliard, Paris, 1964). Sejam estas «almas sem fé» os maçónicos (Léo Taxil) ou os «respeitáveis cientistas» da época, o certo é que estamos ante o fundo do «debate do século»: crer ou não crer no céu, protagonizado pelo combate entre os católicos e os maçónicos républicanos do (J. F. Six, *o.c.*, pp. 61-62). Estamos ante o imperdoável pecado contra o E. Santo (Mt 12, 31), que é a recusa obstinada da luz, por parte das trevas. Estamos ante o pecado fundamental de não crer no amor (Rm 14, 23), ante um *acto consciente perante Deus*, como abandono positivo do cristianismo (S. Kierkegaard, *O Desespero Humano*, Porto, 1979, pp. 170 e 213). Esta «impiedade», obra dos inimigos - «quando os inimigos me vêm provocar» (Ms C, 7 r<sup>o</sup>) -, leva o ímpio não só ao anticlericalismo, mas ainda a combater todas as crenças: «Nele há algo do espírito que se atribui a Satanás; é o inimigo de Deus; pode-se ser ímpio, mesmo quando se crê, quando o espírito diabólico leva a calcar aos pés todas as crenças» (*Grand Larousse*). Teresa, porém, no combate com os seus inimigos (Ms C, 7 r<sup>o</sup>) - os «ímpios» (Ms C, 5 v<sup>o</sup>) -, adopta a estratégia da fuga, que comporta o voltar as costas aos seus adversários, sem com eles se bater em «duelo» apologético, como o fazia o seu tio Isidoro Guérin no *Le Normand*, uma cobardia, no pensar dela, «um costume insensato», (segundo a voz «duelo» do *Grand Dictionnaire Larousse 1873*), e o «correr para Jesus», disposta ao martírio pela fé - «confessar que há um Céu» - e pelo amor - não gozando do Céu, sofrendo o inferno, pelos «pobres incrédulos», para «expiar os pecados deles» (Ct 247) e «alcançar-lhes o Céu (Ms C, 7 r<sup>o</sup>), pois, são «seus irmãos» (Ms C, 6 r<sup>o</sup>). «O número dos ímpios é infinito» (RP 2, 7 v<sup>o</sup>), mas «todas as almas alcançarão o seu perdão» (RP 2, 7 r<sup>o</sup>). «O mais espantoso da

àquela que a recebeu — que «creu»<sup>127</sup>, deu-lhe o poder de se tornar, não só *filha* de Deus (Jo 1, 12), mas também *irmã* dos não-crentes<sup>128</sup>. Ela conta-nos a sua entrada, ou melhor, como foi metida na noite.

«De repente os nevoeiros que me cercam tornam-se mais densos, *penetram-me a alma* e envolvem-na de tal maneira que já não me é possível encontrar nela a imagem tão doce da minha Pátria, tudo desapareceu! Quando quero repousar o coração, cansado das *trevas que o rodeiam*, com a lembrança do país luminoso pelo qual anseio, o tormento redobra; parece-me que as trevas, servindo-se da voz dos pecadores, mofam de mim dizendo: «Sonhas com a *luz*, com uma pátria perfumada pelos mais suaves aromas, sonhas com a posse *eterna* do Criador de todas estas maravilhas, *crês* que hás-de sair um dia dos nevoeiros que te cercam! Avança, avança, alegra-te com a morte que te dará, não o que esperas, mas uma noite ainda mais profunda, a noite do nada»<sup>129</sup>.

paixão de Jesus é suportar em seu coração o não da humanidade ao seu amor...As “trevas” negam-se a receber a “luz” (Jo 1, 5). Eis o martírio da alma de Jesus em sua máxima intensidade. Jesus faz participar Teresa destas trevas que embargaram a sua alma na agonia (Ms C, 6 rº)...Experimenta de perto a magnitude do sofrimento de Jesus pela negativa dos homens ao seu amor. A máxima expressão do não dá-se na conduta dos ímpios, quer dizer, dos homens que deliberadamente perderam a fé. Teresa participa de esta dor do Senhor, dos sofrimentos de Jesus em sua Paixão pelos pecados da humanidade, sobretudo pelo pecado da não-crença» (L. Guillet, *Gethsémani*, Mame, OCL, 1980, p. 102).

<sup>127</sup> «Que Ele fosse o Filho de Deus, *ninguém o queria crer* / Porque ele tinha escondido a sua inefável glória.../ Ó Príncipe da Paz / Eu reconheço-te / *Eu creio em tí!*...» (P 24, 23).

<sup>128</sup> «Não é *uma história inventada* por um habitante do triste país em que me encontro, é *a realidade certa* pois o Rei da pátria do *sol* brilhante veio viver 33 anos no país das *trevas*; infelizmente! as trevas não compreenderam que este Rei Divino era a *luz* do mundo...Mas Senhor, a vossa *filha* compreendeu a vossa divina luz, pede-vos perdão para os seus *irmãos...*» (Ms C, 5 vº-6 rº). «Do mesmo modo como ela não era «contra» Pranzini ou Loyson, mas queria salvá-los, também não é «contra» os materialistas e os anarquistas, mas ora por eles» (G. Gaucher, *Histoire d'une Vie. Thérèse Martin*, Cerf, Paris, 1993, p.173).

<sup>129</sup> Ms C, 6 vº. «¿De quem são estas linhas? De Nietzsche? ¿De uma personagem de Sartre? ¿De um drogado levado pela vertigem do suicídio?...A humana Teresa do Menino Jesus escreveu-as no seu leito, a 9 de Junho de 1897, três meses antes de morrer minada pela tuberculose» (G. Gaucher, *Préface* a E. Renault, *o.c.*, p. 13). «Teresa descreve admiravelmente a prova em que está

Diante desta agressiva «noite do nada», Teresa «caminhou em escura e pura fê»<sup>130</sup>: «a minha alma está exilada, o Céu está fechado

mergulhada, por meio da prosopopeia, fazendo falar as trevas, quais seres que se levantam contra Deus e contra Teresa...A prova que está a viver é o *gigantesco combate entre as trevas e a luz*, entre os que, conscientemente, afastam o Deus-Amor das suas vidas, e os que, conscientemente, o procuram» (J. F. Six, *o.c.*, pp. 43 e 44). «Teresa enfrenta aqui, com angústia, o mistério que une o céu e a terra, o supremo problema do sofrimento da morte, o drama do humanismo ateu sobre a existência de Deus, do Céu, da outra vida, o horror do nada e do desespero, o nihilismo, a neantização da vida, o Mal da Morte. A filosofia de Sartre, o existencialismo ateu, entra-lhe no espírito, como trevas inteligentes que *falam e blasfemam* contra a fê» (Cf. M. D. Molinié, *Je choisis tout. La vie et le message de Thérèse de Lisieux*, Chambray, 1992, p. 257). «As trevas por ela sofridas são as dos *apóstatas* que se *recusam a crer*, no seu orgulho, no Evangelho, às portas do século XX; são trevas angélicas, o mistério do Mal em dimensão luciferina, infligidas na sua alma mergulhada durante muito tempo no pressentimento do Céu» (*Ibid.*, pp.153-155). Esta «mulher dos sonhos» é «morta» pelos seus «irmãos», «atirada para a cisterna, devorada por um animal feroz» para «ver como se realizarão os seus sonhos» (Gn 37, 18): «a morte te dará...a noite do *nada*». Embora «na morte, como num oceano, venham a confluír as nossas bruscas ou graduais diminuições...devemos vencer a Morte, descobrindo nela a Deus» (T. de Chardin, *o.c.*, p.87). Assim reagia Teresa: «a cada nova ocasião de combate, quando o inimigo me vem provocar, compor-to-me com bravura, sabendo que é cobardia bater-se em duelo, volto as costas ao adversário sem sequer o olhar de frente; mas corro para o meu Jesus, digo-lhe que estou pronta a derramar o sangue até à última gota para *confessar* que o Céu existe» (Ms C, 7 r°). «Uma só evidência: vai morrer jovem e para nada» (G. Gaucher, *o.c.*, p. 171). «A noite do nada, que é ainda mais profunda e a faz tocar com a mão o que quer dizer não ter fê em Deus (...). Durante meses, até ao fim, Teresa repete actos de fê, faz as obras da fê, mas não tem o gozo da fê. Está imersa nas trevas mais espessas: sem ser responsável do facto, aceita-o como se fosse responsável, como se fosse uma atea culpável; senta-se à mesa dos pecadores como se fosse uma deles» (Albino Luciani- João Paulo I, *Opera Omnia*, Ed. Messaggero, Padova, 1989, Vol IX, p. 210). «Uma prova imprevista abate-se sobre ela. As objecções dos materialistas contra a existência do mais além impõem-se ao seu espírito. Tem a impressão de que, depois da morte, só a espera o nada» (P. Descouvemont, *Thérèse de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face*, em *Dictionnaire de Spiritualité*, Beauchesne, Paris, col 581-582). «Eu não creio na vida eterna, parece-me que depois desta vida mortal não há mais nada. Não lhe posso expressar as trevas em que estou submergida. O que me acaba de contar é exactamente o estado da minha alma. A preparação que se me faz e, sobretudo, a porta negra é justamente a imagem do que passa em mim. Não viu senão o vermelho nesta porta sombria, isto é, que *tudo desapareceu para mim* e que *não me resta mais que o amor*» (PO, p. 402). «Se depois da morte não há nada, não haverá nem céu nem inferno» (E. Renault, *o.c.*, p. 42).

<sup>130</sup> S. João da Cruz, 2 N 2, 5. «Ah! fiz muitos actos de fê...» (CA 6.8.1). «Obedeceu à fê» (Rm 16, 26) e permaneceu no amor: «¡ Meu Deus, tu sabes que te amo demasiado para deter-me num só pensamento contra a fê» (CA 7.8.4).

para mim...»<sup>131</sup>; «o verdadeiro céu...é-me mais e mais fechado»<sup>132</sup>. Ao procurar explicar, com uma comparação, o estádio de exílio fechado, de horizontalidade anímica em que vive, parece-lhe, devido à obscuridade em que se encontra, ter «nascido num país envolvido em espesso nevoeiro...ainda que, desde a infância tenha aspirado pela pátria do sol, que lhe haveria de servir de morada estável»<sup>133</sup>. Dá-lhe a impressão que Deus e os santos a abandonam<sup>134</sup>. Porém,

<sup>131</sup> CA 29.6.3.

<sup>132</sup> «O outro está cada vez mais fechado para mim» (CA 8.8.2).

<sup>133</sup> Ms C, 5 vº- 6 vº. É «a suprema purificação do *Caminhito*» (Gregorio de J. C., a.c., p. 374).

<sup>134</sup> Ms C, 26 rº; CA 3.7.6; P. 54, 15. «Ela prova o sentimento da ausência de Deus “como se” tivesse caído na descrença...Provará até aos limites extremos do desespero a opressão do silêncio de Deus, o sentimento da sua ausência...Sem cair na descrença, viveu experimentalmente o drama dos homens afastados de Deus, considerando-os seus *irmãos*» (E. Renault, o.c., pp. 53; 73). Para S. João da Cruz, «sentir-se *sem Deus* para sempre é sentir-se *sem o mundo*» (2 N 2, 2-3). Para T. de Chardin, é «sentir pairar sobre si a angústia essencial do átomo perdido no Universo» (Cf. o.c., p. 82). Para Teresa de Lisieux, era «uma descida aos infernos em vida» (2 N 6, 6): «consentiria ver-se ali mergulhada para que Jesus fosse eternamente amado naquele lugar de blasfêmia» (Ms A, 52 rº). Ela «manteve-se conscientemente no inferno, sem desesperar» (S. Silvano): «Oh! como sinto que me desencorajaria se não tivesse a fé» (CA 4.8.4); «que graça ter fê! Se não tivesse a fé, ter-me-ia dado a morte sem hesitar um só instante» (CA 17.7). Ela aguenta firme na fé em solidariedade mística com a angústia imensa dos condenados (Ms C, 6 rº). Embora o mistério da condenação choque e a ideia do inferno desconcerte, o que é certo é que as tentações e os males podem converter-se em bem. Assim, esta infernal vivência reavivou no coração de Teresa a fogueira do amor, que ora para que as chamas do inferno não atinjam as almas dos grandes pecadores (Ms A, 45 vº), nem sequer a de um só condenado (Or 2). No meio de sofrimentos físicos e de provas de alma, ela «desceu ao vale da sombra da morte, sem temer nenhum mal, porque estava com ela o Senhor» (Ct 262). «Ao aparente e total abandono de Deus corresponde ela com um abandono completo e total» (E. Renault, o.c., p. 100). A verdade, porém, é que «o Senhor não a abandonou na sua noite: “Amo-O! Ele nunca me abandona!» (CA 27.7.15). Juntando o seu sangue ao de Jesus, «abriu um caminho de misericórdia, onde não havia caminho e esperança de salvação», como no caso de Pranzini (Ms A, 45 vº), de seu primo René Tostain (Ct 126), de H. Loyson (Ct 129). Não admira que queira «trabalhar para salvar almas» (CA 17.7) «até à consumação dos séculos» (Ms B, 3rº). É na comunhão com a «situação de noite e angústia do nosso século...que o seu oferecimento ao Amor Misericordioso recebe todo o seu significado» (Cf. M. Morel, *Crime et Sainteté*, em *Dieu vivant*, 14, 1949, 60). É especialmente nas noites escuras de aparente desespero em que Deus parece ausente e o inferno se abre, que

ela não desarma<sup>135</sup> e, na sua «noite de fé»<sup>136</sup>, vive a sua «ditosa aventura» de amor<sup>137</sup>.

«Por ti, tenho de morrer, Jesus, Beleza Suprema  
Que feliz sorte!  
Quero ao *desfolhar-me* provar-te que te amo  
Ó meu Tesouro!...  
Sob os teus *passos infantis*, quero com mistério  
Viver aqui em baixo  
E queria ainda adoçar no Calvário  
Os teus últimos passos!...»<sup>138</sup>.

---

os místicos - que Teresa - estão muito perto de nós» (Cf. W. Johnston, *El ciervo vulnerado*, Ed. Paulinas, Madrid, 1986, p. 56).

<sup>135</sup> Nunca desarma no seu combate (Ms C, 17 vº; 31 rº). As «armas de Jesus e Teresa», por ela explicadas (Ms A, 85 vº), não são outras que «a oração e o sacrifício» (Ms C, 24 vº), com que os santos levantam o mundo (Ms C, 36 vº), com que a carmelita e os sacerdotes cumprem a sua missão (Ct 220); armas da pobreza, da castidade e da obediência com que quer morrer no campo de batalha (P. 48). «O termo «combate» define bem as reacções de Teresa aos assaltos da dúvida. Ela não se contentou com sofrer passivamente a tormenta, mas lutou valentemente, adoptando quatro «sistemas» de defesa: a resistência sem concessão, a tática da fuga, a afirmação de sua fé, e o abandono a Deus» (E. Renault, *o.c.*, pp. 44-56).

<sup>136</sup> S. João da Cruz, 2 N 21, 11. Teresa não fala expressamente de «noite de fé» - é a M. Inês que o refere como de Teresa (CA 11.8.5) - mas da «noite desta vida» (Ms B, 1 vº), como obscuridade comum a *todos* os mortais, e da «noite do nada» (Ms C, 6 vº), como negação da luz da outra vida que, diante da morte, acontece a alguns (J. F. Six, *o.c.*, p. 49). «Pareceria que para ela tudo era claro e diáfano. E, no entanto, não foi assim. Poucas *noites de fé* terão sido tão dolorosas e profundas como o foi a noite de fé em Teresinha» (A, Munõz, *a.c.*, p. 145).

<sup>137</sup> Consciente de que os santos cometeram loucuras por Cristo (Ms B, 5 vº), pediu a graça de amar Jesus até à loucura (Ct 225), aliás, como já tinha aconselhado Celina «a fazer locuras por Jesus» (Ct 85), aceitando «a felicidade de passar por loucas aos olhos do mundo» (Ct 169). «Viver d'Amor, que estranha loucura!» (P. 17, 13). «Je meus d'Amour!»: «Oh! amo-O!...Meu Deus...amovos!...(CA 30.9). «A inflamação de amor no espírito» é efeito positivo da noite do espírito na alma de Teresa, que a está a viver quando escreve o *Ms B*» (Gregorio de J. C., *a.c.*, p. 379). «Sim! Amar tanto a Deus e à Santíssima Virgem e ter estes pensamentos! Mas não me detenho neles» (CA 10.8.7).

<sup>138</sup> P 51, 5.

Estamos ante a maior prova espiritual da vida de Teresa<sup>139</sup> e, por isso mesmo, ante a maior intensidade da sua vida teologal<sup>140</sup>.

<sup>139</sup> Teresa realça a providencialidade e a finalidade catártica desta sua última prova: «Nunca senti tão bem como o Senhor é suave e misericordioso, não me enviou esta prova senão na altura em que tive forças para a suportar, creio bem que mais cedo ela me teria submergido no desânimo...Agora purifica tudo o que se poderia encontrar de satisfação natural no desejo que tinha do Céu...» (Ms C, 7 vº). «A acção purificadora continua no momento em que ela escreve, em Junho de 1897» (E. Renault, *o.c.*, p. 62). «Deus exerce a sua obra purificadora, assim como S. João da Cruz a descreve com tanta profundidade na sua *Noite Escura*» (C. Meester, *o.c.*, p. 135). «A noite do espírito submerge-a numa pura fé e purifica o seu desejo de Deus de toda a reminiscência sensível do seu amor próprio» (Gregorio de J. C., *a.c.*, p. 366). Purifica-lhe a memória: «Quando quero repousar o coração, cansado das trevas que o rodeiam, com a lembrança do país luminoso pelo qual anseio, o tormento redobra» (Ms C, 6 vº). Chega mesmo a tentar uma teodiccia, a conjugar a Bondade de Deus com o Mal do seu sofrimento (CA 23.8.1). «Teresa deveu pôr-se, nas horas mais negras, a eterna questão da Bondade de Deus que deixa sofrer, pior ainda, que faz sofrer os que ama» (E. Renault, *o.c.*, p. 95). Compreendeu o sentido providencial da sua prova e aceitou-a com gratidão: «Meu Deus, que bom és com a pequena vítima de teu Amor misericordioso! Nem sequer agora que juntas o sofrimento exterior às provas da minha alma, posso dizer: «Cercavam-me ondas mortais», mas exclamo agradecida: «Ainda que caminhe pelos vales escuros da morte, nada temo, porque tu, Senhor, estás comigo»» (Ct 262).

<sup>140</sup> Apesar de não ter o gozo da Fé, procuro ao menos realizar-lhe as obras. Creio que fiz *mais actos de fé* desde há um ano do que durante toda a vida...Estou pronta a derramar o sangue até à última gota para *confessar* que o Céu existe» (Ms C, 7 rº). O facto de levar o *Credo*, aconselhada pelo P. G. Madelaine, escrito a sangue, no Evangelho de bolso, denota a pureza e a integridade da sua permanente força de fé (PA, p.151). «Nunca a sua fé foi tão pura e tão intensa» (C. Meester, *o.c.*, p. 137). Teresa foi purificada na sua vida teologal, «apesar de a sua alma ter alcançado um eminente grau de santidade. Foi metida na noite do espírito, porque precisava de purificar a sua fé do «gozo da fé» (Ms C, 7 rº), a sua esperança do «sentimento do céu»(Ms C, 7 vº), e o seu amor, tornando-o « *puro amor*» (Ms B, 4 vº). A vida teologal é o objecto de purificação na noite passiva do espírito (Gregorio de J. C., *a.c.*, pp. 373-374). Fortaleceu a sua fé no sacramento dos Doentes (CA 30.7.18). Apesar de não poder comungar a partir de 19 de Agosto (CA 20.8.10), sabe que «tudo é graça» (CA 5.6.4), mesmo morrer sem confissão nem comunhão (CA 6.9.3). Eis algumas declarações sobre a sua fé (Cf. PO, 518; PA, p. 559). Em 1884, tinha sido preparada, pela M. Inês, para a primeira comunhão, com um esquema teologal, que veio a servir de preparação para a profissão religiosa, em 1894, da Ir. Maria Madalena: «Meu Deus, creio em vós, espero em vós, amo-vos de todo o meu coração» (Or 5, 8 vº). «Teresa saíu vitoriosa do seu longo e impiedoso combate, na sua resistência e firmeza de fé, na sua recusa a discutir com o seu *adversário*, nos seus actos de fé e de amor, na sua

«Onde estava Deus na noite de Teresa e na sua agonia e morte? Estava na fé e no amor de Teresa. Crer no Amor misericordioso é crer na positividade pessoal da realidade. Teresa encontrou sempre por fim o fundo positivo da realidade. Também às dúvidas de fé, também ao silêncio de Deus, durante a sua doença e agonia. O «tudo é graça» constitui a superação constante do que leva ao abatimento. Mesmo o que ataca a raiz do seu próprio optimismo existencial é recompreendido no «tudo é graça». Nesta fé atacada e vitalmente firmada como positividade absoluta da realidade, e no amor dado como recebido (a realidade última como positividade pessoal), aí estava Deus, quer dizer, estava a positividade pessoal a realizar-se, a fazer-se presente na forma própria do espírito humano em caminho»<sup>141</sup>.

A negação da «voz das trevas», que se «riem» dela, obrigam-na<sup>142</sup> a «padecer dúvidas»<sup>143</sup> contra a fé no Céu<sup>144</sup> que, por sua

---

esperança, isto é, na sua confiança e abandono ao Amor Misericordioso» (E. Renault, *o.c.*, p. 55).

<sup>141</sup> L. Aróstegui, *Teresa de Lisieux en la conciencia moderna*, em RE 55 (1996), pp. 202-203). «Crer é para a razão de Teresa como encontrar-se diante de um muro (Ms C, 7 vº). Por isso, a fé é-lhe penosa. Mas Deus não é um muro. Se na sua fé tem a impressão de se encontrar diante de um muro opaco e impermeável, Deus encontra-se dos dois lados do muro! Ele está ali, nessa vida misteriosa do céu, como Jesus o disse e Teresa o crê. Ele está aqui, no centro de sua existência provada e angustiada! Mais do que nunca Deus está presente na sua vida! Ele é o ponto de apoio em que Teresa se acolhe. Mais do que nunca, Jesus está presente em seus pensamentos. O Jesus de ontem! O Jesus do momento presente! (Ms C, 7 rº)» (C. Meester, *Les mains*, pp. 136-137).

<sup>142</sup> «Horrríveis pensamentos que me obsessioam...e se impõem ao meu espírito» (NPPA, 116). «O cinismo das trevas é um conselho diabólico, que convida à alegria maliciosa de um coração orgulhoso, que só quer esperar o nada» (E. Renault, *o.c.*, p. 39).

<sup>143</sup> «Aceito tudo por amor de Deus, mesmo toda a espécie de *pensamentos extravagantes* que me vêm ao espírito» (CA 4.6.3), que são «pensamentos de *dúvidas contra a fé*» (CA 10.8.7). Chama de «más serpentes» que «assobiam» quase constantemente aos ouvidos (CA 9.6.2) aos «argumentos dos piores materialistas» que se impõem ao seu espírito (NPPA, 115-116), mas «não como se lhe fossem alheios, completamente externos» (L. Aróstegui, *a.c.*, p. 194), a essa «voz maldita» que inquieta a sua fé no amor de Deus (PO, 68 rº, pp. 114-115), questiona a salvação eterna (PO, 1214 rº, pp. 520-521), fazendo-a, na opinião do P. G. Madelaine, «sentir-se condenada» (PA, 1424, p. 559), por falta de confiança no Amor misericordioso, ao qual se ofereceu como Vítima (Ms A, 84 rº), pois «nunca teve medo à sua prova» (CA 27.5.2), nem *nunca se tenha sentido condenada* (J- F. Six, *o.c.*, p. 12), ainda que tenha admitido a *possibilidade* da condenação (Or

2), como obra do demónio (RP 7). Ela própria o refere: «As crianças não se condenam» (CA 10.7.1). S. João da Cruz afirma que «os que jazem no Purgatório padecem grandes dúvidas de que nunca hão-de sair de ali e de que se hão-de acabar as suas penas» (2 N 7, 7). A explicação dada a este suportar paciente e passivo de dúvidas aplica-se ao caso de Teresa: «padecer dúvidas não é duvidar, mas sofrer tentações involuntárias por parte de quem está firme na fé; advêm-lhe sentimentos espontâneos que contra a sua vontade invadem o campo da consciência» (U. Barrientos, *Purificación y purgatorio*, Madrid, 1960, pp. 120-123). Ela estava firme na fé: «Ó meu Deus, amo-vos muito, para parar num só pensamento contra a fé» (CA 7.8.4). Teresa de Lisieux *passou por espantosas dúvidas* na sua fé antes de morrer...De sua fé ficou apenas a sua última entrega: «Quero crer, ajuda a minha incredulidade»...No meio da grande crise de fé pela que passavam os seus contemporâneos, desde os intelectuais até aos operários, ela sofreu esta dor com suprema entrega de amor, em dois períodos de nove meses» (*Nuevo catecismo para adultos* (1966). *Versión íntegra del Catecismo holandés*, Herder, Barcelona, 1969, p. 283, parágrafo 306). Existem explicações divergentes. «A prova da fé de Teresinha parece ser um enigma indescifrável. Daí tanta variedade de explicações. Enquanto uns limitam as tentações contra a fé à existência do céu e à sobrevivência do eu para além da morte, outros advogam por um eclipse total na sua fé religiosa. Também não existe coincidência na interpretação da natureza desta noite. Uns e outros utilizam os mesmos textos e os mesmos ditos da santa. Apesar disso, diferem nas suas apreciações. É a grandeza de uma vida que salta por cima das teorias humanas. *É uma temeridade mesmo a tentativa de adivinhar a alma de Teresa na noite da sua fé*» (A. Olea, *o.c.*, p. 192). «Apresentase-nos aqui um misterioso abismo intransponível» (G. Gaucher, *La pasión*, p. 127). «Para esclarecer o mistério da prova da fé teresiana, na escola carmelitana, surgiram três hipóteses. A daqueles que *reduzem a noite de Teresinha às noites passivas do espírito*, descritas por S. João da Cruz. As suas figuras mais representativas são Gregorio de Jesús Crucificado e Emmanuel Renault. Por outro lado, Louis Guillet e François-Marie Léthel, defendem a hipótese da *participação da jovem na paixão de Jesus Cristo*. A terceira hipótese fala do *abismo do nada total*, e é sustentada por José Francisco Ibarria («a noite em que Teresa se viu envolvida é *muito mais horrível* que a descrita pelo austero santo dos “nadas”») e Anselmo Donázar («a noite de Teresa é a sensação do nada, do *absurdo da existência*, o eclipse emocional da esperança teologal»). No pólo oposto, está H.U. von Balthasar («fica nos *umbrais* da noite escura...fica numa *semi-noite*»)» (A. Olea, *o.c.*, pp. 194-195). «Suas tentações de dúvida não se referem à existência de Deus, mas à existência, no mais além, de uma vida futura. Parece-lhe que já não há nada depois da morte...Com o espírito invadido pelas «dúvidas», Teresa *não duvida* em absoluto, mas *crê* » (P. Descouvemont, *a.c.*, col 605; ainda *Thérèse de Lisieux*, Cerf, Paris, 1991, p. 258). Do mesmo teor: «Mil questões e tentações não constituem uma única dúvida (Newman). Ela nunca deixou a mão de Jesus. Quando descreve a noite da sua fé, falará de «tempestade» (Ms, B, 2 rº), de «trevas», de «combate», de «tormento», de «prova», de «túnel», de «nevoeiro», de «noite» e de «muro» (Ms C, 5 vº-7 vº), inclusivé de «tentações» (Ms C, 11 rº), mas *nunca de dúvida*. Quando uma questão é posta à sua inteligência, não significa que o seu ser mais profundo duvide que Deus tenha uma resposta ou que Ele não oferecerá uma saída. Daí, nunca se ter revoltado, mas, na sua fé, encontrou sempre em Deus «a paz», que «não a abandonou no meio das maiores

vez, a obrigam a «cantar o que QUER CRER»<sup>145</sup>, a esperar «por

provas» (C. Meester, *Les mains*, pp. 66-67). Existe a aceitação clara da dúvida: «Que podemos fazer para que se compreenda que a dúvida existe na mesma vida de fé de Teresa? ...O seu espírito vê-se invadido pelas dúvidas que não desaparecem. Afirmar categoricamente: «Teresa não duvida. Crê», é negar a realidade do que Teresa afirma. Digamos simplesmente: «Teresa duvida e crê». Disse a Deus com toda a claridade: «Amo-vos» (J. F. Six, *o.c.*, p. 243). A dicotomia sobre a existência de Deus e a existência do Céu não existia na mente de Teresa: «Para ela era impensável que se pudesse distinguir entre a existência de Deus e a realidade do céu; para ela, «a noite do nada» quer dizer, estritamente, que não há «nada»: nem Deus, nem Céu, nem mais além. É um abismo que provoca uma vertigem radical, contra a que não deixará de lutar; mas existe a chamada deste abismo, e é um abismo real» (J. F. Six, *o.c.*, p. 245). Em certos momentos, de forte intensidade de amor, Teresa afirma: «a dúvida não era possível» (Ms A, 48 r<sup>o</sup>); noutros, de intensa prova, vêm-lhe as «dúvidas sobre a sua vocação...que desaparecem» (Ms A, 76 v<sup>o</sup>). Na aridez da sua oração chega, por vezes, a perguntar-se «se o Céu existe» (Ms A, 80 v<sup>o</sup>). «Em 1897 desfaz a dúvida: «Se não houvesse vida eterna (...) Mas há, talvez...!Mas há certamente» (CA 5.9.1). «Na sua noite de fé, Teresa não é uma não-crente, mas uma crente muito grande» (C. Meester, *o.c.*, p. 137). «A prova de alma» (CA 21/26.5.10) consiste nos «pensamentos extravagantes» (CA 4.6.3), nas «dúvidas contra a fé» (CA 10.8.7), isto é, contra a luz, a pátria, os perfumes, a felicidade eterna da posse de Deus, a criação e suas maravilhas, o exílio da terra e sua tristeza, o desejo de fazer bem depois de sua morte (CA 17.7), a certeza de ser amada por Deus (PO, 114-115), o desejo do céu (CA 3.7.3).

<sup>144</sup> A prova da fé priva-a do «gozo da fé», de «gozar deste belo Céu na terra» (Ms C, 7 r<sup>o</sup>). «A dúvida toca a sua convicção mais íntima: a intuição do céu» (J. Guitton, *Le génie spirituel chez Thérèse de l'Enfant-Jésus*, em *Thérèse de Lisieux*, Conférences du Centenaire 1873-1973, n<sup>o</sup> especial de Nouvelles de l'Institut Catholique de Paris, Maio. 1973, p. 45). «A prova da tentação consistia em destruir completamente o movimento profundo da «petite voie», negando a confiança incondicional que a fundamenta» (E. Renault, *L'épreuve de la foi. Le combat de Thérèse de Lisieux*, Cerf, Paris, 1991, p. 40 e 92).

<sup>145</sup> Ms C, 7 v<sup>o</sup>. «Canto o que quero crer, mas é sem nenhum sentimento» (Maria da Trindade, PA, 1315). Estamos «no limite da fé», como «querer crer», diante da dúvida da «vida eterna» (CA 3.7.3), e o ocultamento do «astro de Amor» (Ms B, 5 r<sup>o</sup>), com quem não haverá nenhum encontro, porque não há nada. Daí que «as dúvidas no fundo, partindo da vida eterna, referiam-se à existência de Deus. Emergem da mente inquisidora e amante da verdade, do seu amor incondicionado a Deus e ao Céu, da proximidade da morte, que é o detonador, como exigência definitiva de certeza absoluta» (L Aróstegui, *a.c.*, pp. 192; 194). «O efeito primordial das purificações na doutrina de S. João da Cruz é a purificação da fé, o mais evidente na experiência de Teresa, que reagiu à prova da fé de modo heróico, disposta ao martírio pela fé (Gregorio de J. C., *a.c.*, p. 381). Com seu espírito de vigilância sobre si mesma (Ms C, 23 r<sup>o</sup>), «repeliu muitas tentações...fez muitos actos de fé» (CA 6.8.1); resistiu imediatamente os embates do inimigo, pela tática da fuga, pela afirmação da fé (Ms C, 7 r<sup>o</sup>), do amor (CA 4.8.4) e do

outro»<sup>146</sup> e «por todos»<sup>147</sup>, e a amar sem sentir o amor<sup>148</sup>, numa palavra, a identificar-se com Jesus Crucificado até à morte de amor<sup>149</sup>.

abandono (CA 15.6.1). «O que a Teresa lhe é tirado é o sentimento, a evidência, a força vitoriosa da fé, não a própria fé. E as vozes que lhe sussurram que acaso tudo, o céu e o próprio Deus, é pura ilusão, são por ela reconhecidas como tentação e, como tal, combatidas com todas as suas forças» (H.U. von Balthasar, *Teresa de Lisieux. Historia de una Misión*, Herder, Barcelona, 1989, p. 354). A fé de Teresa ficou obscurecida e como privada de todo sentido, mas não ficou apagada: «A meia-luz - «as trevas luminosas» (Ct 78) - é o definitivo na terra» (*Ibid.*, p. 222). São, por isso, os olhos baixos de Jesus que guiam os nossos passos subterrâneos: «eu não vejo nada senão uma claridade semi velada, que se escapa em volta dos olhos baixos da face do meu Noivo» (Ct 110). «Fundamentalmente, *ser crente é querer ser crente*. Ao dar contas de sua fé, da fé de sua vida, Teresa de Lisieux considerava-se cristã, porque «queria crer», expressão que sublinhava como essencial...Este querer, não é sinal de voluntarismo, mas de uma «paixão primordial» (M. de Certeau, *La Faiblesse de croire*, Seuil, Paris, 1987, p. 295). «A alma, por um movimento de sua liberdade, deve querer crer» (E. Renault, *o.c.*, p. 51).

<sup>146</sup> Aos 14 anos, já tinha feito a experiência fundamental da «esperança por outro» (Ms A, 45 v°).

<sup>147</sup> No seu livro «Espérer pour tous», DDB, Paris, 1978, H.U. von Balthasar apresentou uma teologia e espiritualidade da esperança universal, antecipada e confirmada por Teresa, ao esperar, na sua tentação contra a esperança, por todos os que não esperam (Ms C, 6 r°). Ainda sobre o tema (cf. F-M Léthel, *Sperare per tutti: Teresa di Lisieux e Charles Péguy*, em *RVS* 48 (1994) 444-459). Ante a «noite do nada», Teresa reage: «é preciso que cante fortemente no meu coração: «depois da morte, a vida é imortal» (CA 15.8.7). «Agora volta a afirmar a sua esperança e abandono em Deus (CA 7.7.3). Leva a sua confiança e abandono na Misericórdia de Deus até à temeridade (Ms C, 34 v°), respondendo à loucura da Misericórdia com a loucura de sua miséria (Ms B, 5 v°).

<sup>148</sup> A prova da fé e esperança não apaga o amor, pelo contrário, leva-a a uma comunhão mais intensa com o Senhor, mesmo quando ele parece abandoná-la: «redobro de ternuras, quando Ele se esconde à minha fé» (P. 45, 4). Ama o Esposo ausente: «Jesus, minha alegria, é amar-te!» (P. 45, 7). No coração da sua noite de fé, experimenta a alegria de amar em dor: «Existirá acaso *alegria* maior do que a de sofrer por vosso amor?...Já não tenho grandes desejos senão o de amar até morrer de amor» (Ms C, 7 v°). Se, na terra, segundo o seu testemunho - «tudo o que faço...é por amor» (CA 8.8.2) - vive de amor, não admira que, na sua contemplação, o que a atrai, não seja a felicidade do Céu, mas «o Amor! Amar, ser amada, e voltar à terra» (UC/ G 4.7). Não se arrependeu de se ter entregado ao Amor (CA 30.9). «Diz-lhe que me prove para que lhe dê mais testemunhos de abandono e de amor» (CA 10.7.14). Teresa teve que fazer um verdadeiro salto em Deus para negar o nada que se ria dela (Ms C, 6 v°), vencendo, assim, a prova contra a fé e a esperança unicamente pelo amor de Jesus (Ms C, 7 r°). «A prova de Teresa - as trevas, o túnel, a noite do nada - consiste, em primeiro lugar, na percepção da distância incomensurável do «abismo do Amor», que provoca a cons-

«Viver de Amor, quando Jesus dormita  
 É o repouso sobre as ondas alterosas  
 Oh! não temas, Senhor, que te desperte  
 Espero em paz a margem dos céus...  
 A Fé em breve rasgará o seu véu  
 A minha Esperança é ver-te um dia  
 A Caridade enche e impele a minha vela  
 Vivo de Amor!...»<sup>150</sup>.

Era assim, como Teresa, a contemplativa comprometida, se situava em certo modo no coração do mundo — do seu e do nosso tempo, pela noite da fé e de esperança<sup>151</sup> — e muito mais ainda no coração da Igreja<sup>152</sup>, pela prova do amor<sup>153</sup>. «Completava, assim, na

---

ciência da sua incapacidade de O amar, a não ser «atraída», isto é, com o Seu próprio amor» (J. F. Six, *o.c.*, p.p 188-189). Teresa escapa ao puro *voluntarismo*, porque a razão última do seu querer crer é o amor...Ela luta por guardar uma fé que ama, porque lhe revelou o amor: Oh! como sinto que perderia a coragem se não tivesse *fé!* ou melhor, se não *amasse a Deus*» (CA 4.8.4). «Sim, é bem certo que olho para o céu por amor; sim, olho-o por amor a Deus, pois, desde o meu oferecimento, tudo o que faço, os meus gestos, os meus olhares, *tudo faço por amor*» (CA 8.8.2).

<sup>149</sup> CA 4.6.1. Teresa «compreendia qualquer coisa do mistério de N. Sr. no Jardim das Oliveiras - «gozava de todas as delícias da Trindade sem que a sua agonia fosse menos cruel» - porque o provava ela mesma» (CA 6.7.4), conforme testemunha no dia da própria morte: «é a agonia toda pura, sem mistura alguma de consolação» (CA 30.9). «Nosso Senhor morreu na Cruz...a mais bela morte de amor...Parece-me que é o que provo» (CA 6.7.4). Em plena obscuridade da prova da fé, Teresa grita «a minha vocação é o amor»...«não posso fazer mais que uma coisa: *amar-te, ó Jesus*» (Ms B, 3 vº-4 rº).

<sup>150</sup> P 17, 9. «Viver de amor... é, com Jesus, subir o Calvário» (P 17, 4). «Vive a sua *última grande crise* em pura gratuidade de amor como «a rosa desfolhada» (P 51). Amar é para a jovem carmelita algo inevitável. Produz a sensação de que já não podia não amar...Não sofrerá nenhuma crise no amor» (A. Olea, *o.c.*, p. 178 e 206). Apoiada na doutrina de S. João de Cruz sobre o Purgatório (2 N 7, 7), confiava que o Amor misericordioso - «o Fogo do Amor é mais santificante que o do purgatório» - fosse o seu purgatório. De facto, de tal modo a purifica que «não deixa nela nenhum rasto de pecado». Daí, «não poder temer o purgatório» e «estar capacitada para a visão beatífica» (Gregorio de J. C., *a.c.*, p. 378). «Tudo desapareceu para mim, *só me resta o amor*» (M. van der Meerch, *Santa Teresita de Lisieux*, Ed. G.P., Barcelona, 1969, pp. 203-204). Viverá o «martírio de amor», não em plenitude, mas na privação, *não na luz, mas na noite*, não nas «ondas de ternura infinita» (Or 6), mas na «mesa cheia de amargura» (Ms C, 6 rº).

<sup>151</sup> Ms C, 7 rº.

<sup>152</sup> Paulo VI, *Vs* 11; CRIS, *Dimensão contemplativa da vida religiosa*, n. 25.

<sup>153</sup> Ms B, 3 vº.

sua carne, o que falta à paixão de Cristo em benefício da sua Igreja» (Col 1, 24), e «no sangue do seu coração» o que faltava à salvação do mundo (1 Tim 2, 4).

Ao tomar consciência, no E. Santo, que há quem, culpavelmente, não tem fé<sup>154</sup>, além de reconhecer agradecida o dom da fé<sup>155</sup>, o mesmo E. Santo, leva-a a fazer da «grande prova da sua fé» um «acto-estado de fé», uma contemplação mística do mundo da não-crença<sup>156</sup>, uma «compaixão» de dor e «comunhão» de amor,

<sup>154</sup> «Não podia acreditar que houvesse ímpios que não tivessem fé...Jesus fez-me sentir que há verdadeiramente almas que não têm fé, que por abuso das graças perdem este precioso tesouro» (Ms C, 5 vº). «É uma tomada de consciência da existência do ateísmo...É contemporânea de Marx, Nietzsche e Freud, os três «santões» do ateísmo moderno» (A. Olea, *o.c.*, pp. 186; 192). «Teresa teve a valentia de olhar cara a cara o que Jesus lhe fazia ver no âmbito da fé: a não-crença existe» (P. Poupard, *Thérèse de Lisieux: La force de l'amour pour le monde de l'incroyance*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 81). «Trata-se dos que negam ou recusam a fé» (M. D. Molinié, *o.c.*, p. 157). «Teresa compreende profundamente e desde dentro o que é a vida da não-crença. A que existia na sua época, a que existe hoje em dia. A sua percepção supera o espaço e o tempo, vai mais além das categorias vagas e enganosas que se trata de estabelecer: não crentes, agnósticos, indiferentes. Chega aos que «negam ou recusam a fé» seja do modo que seja; a sua percepção não é fragmentária nem aleatória, é universal... Quanto mais Teresa avança na fé, quanto mais se deixa amar pelo Amor, compreende melhor o que há em si de não-crença e, por isso, o que há de não-crença no mundo. Por isso, mais sofre as «trevas» em que vive o não-crente, que é amado por Deus sem saber que o é» (J. F. Six, *o.c.* pp. 249 e 247).

<sup>155</sup> «Ah! se eu não tivesse a fé, nunca poderia suportar tantos sofrimentos» (PO, 1096 rº). «Este precioso tesouro, fonte das alegrias puras e verdadeiras» (Ms C, 5 vº).

<sup>156</sup> «Entre as *mirabilia Dei*, que Deus fez por Teresa, há uma brilhante e extraordinária, é a sua relação com a não-crença...o muro da descrença só poderá ser desmantelado pela força do Amor...e a missão de Teresa é fazer amar o Amor misericordioso...é doutora do Amor para o mundo não-crente...Teresa foi-nos dada, neste tempo de descrença, para reanimar em nós a chama da esperança, que é a fé no Amor» (P. Poupard, *a.c.*, pp. 297-312). Teresa participa quer da luz da fé dos crentes, quer das trevas dos não-crentes, e cometeu a loucura de esperar, isto é, de acreditar no poder do amor para abrir o coração dos não crentes à fé e ao amor: ama, no coração da Igreja, os maus crentes, os descrentes, os ateus, os indiferentes. Não estamos ante uma «autêntica crise de ateísmo» (J. Freund, *L'aventure du politique*, Critérium, Paris, 1981, p. 91), nem de «uma noite de fê» ao estilo de S. João de Cruz (J. F. Six, *o.c.*, p. 46), como pretendia a M. Inês (CA 11.8.5). «Se o amor permanece - «no meio da incoerência das trevas em que se encontra mergulhada...tudo desaparece, só lhe resta o amor» (PO, 583 vº) - e

uma «consagração» sacerdotal, um «martírio» de «reparação» crística pelos que pecam contra a fé<sup>157</sup> e uma «oração» de intercessão para que venham a vêr a Deus<sup>158</sup>. Teresa, pecadora com os pecadores — «tende piedade de nós, Senhor, porque *somos* pobres pecadores!» —

Teresa sabe que ele permanece, já não é a noite escura da alma, mas uma «noite a meias», de «meia obscuridade», que não se deve confundir com «a noite escura» de S. João da Cruz». (H. U. von Balthasar, *Thérèse de Lisieux*, Paris, 1973, p.406). S. João da Cruz escreve: «quem não quer outra coisa senão a Deus, não anda em trevas, ainda que mais escuro e pobre se veja» (Ct 19). Para uma distinção entre «estar às escuras» (*gnofó*) e «estar em trevas» (*scotos*) (Cf. S. João da Cruz, CH 3, 71 e J. Baruzi, *Saint Jean de la Croix et le problème de l'expérience mystique*, Alcan, Paris, 1924, pp.310-314). «Nem as trevas, para Vós, têm escuridão; a noite brilha como o dia e a escuridão é clara como a luz» (Sl 138, 11-12; cf. Ct 144). Testemunha ela que «no meio das trevas exteriores foi iluminada interiormente...» (Ms A, 74 vº), que «Jesus se compraz em fazer brilhar os raios das sua graça mesmo no meio da mais sombria tempestade» (Ms B, 2 rº).

<sup>157</sup> «Não têm fé, por abuso das graças» (Ms C, 5 vº). «A noite do espírito tem como nota peculiar em S. Teresa do M. Jesus o seu carácter apostólico» (Gregorio de J. C., *a.c.*, p. 381). «Vivemos num tempo em que as mais densas trevas do nada se expandem em extensas ondas pela terra, e (...) talvez só as palavras verdadeiras de Teresa são susceptíveis de as dissipar» (M. Moré, «La table des pêcheurs», em *Dieu Vivant*, 24, 1953, p. 103). Teresa sentiu-se feliz por sofrer a dura prova para «impedir ou reparar uma só falta cometida contra a Fé» (Ms C, 7 rº). É caso para dizer que «a contemplação alcança a sua plenitude no martírio» (J. Moltmann, *Teología de la experiencia mística*, em *Selecciones de Teología*, 79 (1981) pp. 168-171). De facto, Teresa «estava pronta a derramar o sangue até à última gota para confessar que o Céu existe» (Ms C, 7 rº), ela que adquiriu uma concepção da vida religiosa como «evangelica testificatio»: « assim sucede na vida religiosa que os teólogos chamam um martírio» (Ms A, 9 rº). É o seu «sacrificio filial» ao pai pelos seus irmãos sem fé (Cf. *Notes Documentaires...*, pp. 114-116). Entre eles está, sem dúvida Léo Taxil, com a sua sacrílega mistificação, por quem também Teresa aceitou viver, na mais profunda humilhação, a noite da sua fé, feita caridade intercessora (G. Gaucher, *o.c.*, p.194). está ainda René Tostain, o magistrado ateu, membro da sua família, por quem Teresa ofereceu a sua prova interior contra a fé (CA 2.4.7). Como Jesus orou pela fé de Pedro e esperou que ele confirmasse na fé os seus irmãos (Lc 22, 32), assim Teresa fortaleceu na fé Margarida Maude-londe (Ct 126) e «ofereceu as suas penas grandíssimas para obter a luz da fé aos pobres incrédulos, por todos os que se afastaram das crenças da Igreja» (OPT, Agosto). É bem verdade que «o ateísmo purifica a ideia de Deus de todo o contexto sociológica e teológicamente ultrapassado e exige a santidade genial» (Simone Weil), citada por P. Evdokimov, *A loucura do amor de Deus*, Ed. Paulistas, 1979, p. 19.

<sup>158</sup> «Que todos aqueles que não são alumados pelo facho luminoso da Fé o vejam brilhar finalmente» (Ms C,6 rº). «Estou feliz por não gozar deste belo Céu cá na terra para que ele o abra para a eternidade aos pobres incrédulos» (Ms C, 7 rº).

tal como Cristo, feito pecado (2 Co 5, 21), sem pecado (Hb 4, 15), pediu perdão (Lc 23, 34) e intercede sempre por nós (Hb 7, 25), «pede perdão para os seus irmãos»<sup>159</sup>, «quer pedir simplesmente que um dia estejamos todos reunidos — ela e as almas que lhe estão unidas — no vosso belo Céu»<sup>160</sup>.

«Eis a minha oração, peço a Jesus que me atraia para as chamadas do seu amor, que me una estreitamente a Si, que viva e opere em mim. Sinto que quanto mais o fogo do amor me abrasar o coração, tanto mais direi: *«Atraí-me*, tanto mais também as almas que se aproximarem de mim (pobre pedacinho de ferro inútil, se me afastasse da fogueira divina), tanto mais estas almas *correrão com*

<sup>159</sup> Ms C, 6 rº. «Teresa de Lisieux pensa em nós e vive no plural; ela percebe que a história do indivíduo não é somente a sua história, mas a história do mundo. A noite do indivíduo é a sua noite e a noite do mundo» (G. Morel, *Le sens de l'existence selon saint Jean de le Croix*, t. II, Aubier, 1960, p. 345). «Examinando com atenção, o período do amadurecimento decisivo, embora não tenha implicado perda de fé total ou pecados graves objectivos, é precisamente o *Kairos* decisivo que coloca realmente Teresa à mesa dos pecadores, ou simplesmente, dos homens» (G. Moioli, *Vissuto cristiano e senso dell'essere peccatore. Il caso di Teresa di Lisieux*, em *La Scuola Cattolica* 107 (1979), pp. 418-449). «Um santo, mesmo o mais isolado e oculto...leva aos seus frágeis ombros o peso do mundo, a noite do pecado, protege o mundo da justiça divina. Quando o mundo ri, as lágrimas do santo atraem sobre os homens a misericórdia divina» (P. Evdokimov, *o.c.*, p. 59). «Também para ela, como para os pecadores, a Misericórdia, é a sua tábua de salvação» (B. Moriconi, *Teresa di Lisieux, Sorella e Commensale degli Increduli*, em *RVS* Julho-Outubro (1993), 496). Porém, Teresa ao entrar na «comunhão do pecado», atraía todos os pecadores à «comunhão dos santos»: «Quero atender a tua oração / toda alma obterá seu perdão / Enchê-la-ei de luz / Desde que invoque meu nome!...» (RP 2, 7 rº). «Teresa faz unidade com os pecadores. Jesus concedeu-lhe a graça de lhe mostrar que está realmente com todos, sentada a esta mesa, que uma espiritualidade segundo o coração de Deus não pode ser uma espiritualidade em branco e negro onde uns, os fariseus, se crêem justificados e outros, os publicanos, se reconhecem pecadores, uma espiritualidade na que uns seriam culpáveis e outros não. Por isso, Teresa quer ocupar o lugar deles, substitui-los no amor que os purifica dos seus pecados» (J. F. Six, *o.c.*, pp. 71-71). «O texto bíblico que esclarece melhor a paixão de Teresa é, sem dúvida, o de S. Paulo (2 Co 5, 21)...Sem nenhum pecado contra a fé, Teresa torna-se para os não-crentes pecado contra a fé para que os incrédulos alcancem a justiça de Deus» (F.M. Léthel, *Connaître*, p. 519). «Teresa goza de uma experiência que escapa a S. João de Cruz. Sofre na alma os estragos do ateísmo. A santa não sofre pelos seus pecados. Sofre pelos alheios, de modo especial, pelo pecado da incredulidade» (A. Olea, *o.c.*, p. 197).

<sup>160</sup> Ms C, 34 vº. «A bela missão que o Senhor hoje me confia é *conservar a Fé* de nossa querida França e de povoar o Céu de imensos eleitos» (RP 1, 17 rº).

*rapidez no odor dos perfumes do seu Bem-Amado*, porque a alma abrasada de amor não pode continuar inactiva»<sup>161</sup>.

Depois que o «grão de trigo morreu, deu muito fruto»<sup>162</sup> — ela «não morreu, entrou na vida»<sup>163</sup> —, isto é, «ousou pedir a Deus que, como a amou a ela, ame os que ela ama»<sup>164</sup>, para «fazer com que eles amem a Deus como ela o ama»<sup>165</sup>, ela que «quis adquirir méritos, não para si, mas para os pobres pecadores, para as necessidades de toda a Igreja, para lançar flores a todo o mundo, justos e pecadores»<sup>166</sup>. Desde a eternidade, continua a amar — «tudo dar e dar-se a si mesmo»<sup>167</sup> — prolongando a sua «vocação missionária»<sup>168</sup>, na memória passada e futura do tempo<sup>169</sup>, a fazer-se conhecida como o relâmpago célere que atravessa os espaços.

«Tu que atravessas o espaço  
Mais prontamente que os relâmpagos  
Suplico-te, voa em meu lugar  
Para junto dos que me são queridos  
Com a tua asa enxuga-lhes as lágrimas  
Canta como Jesus é bom.  
Canta que sofrer tem encantos  
E baixinho, murmura o meu nome...»<sup>170</sup>.

---

<sup>161</sup> Ms C, 36 rº.

<sup>162</sup> Jo 12, 24. CA 11.8.2; 10.8.5.

<sup>163</sup> Ct 244.

<sup>164</sup> Ms C, 35 rº.

<sup>165</sup> CA 17.7.

<sup>166</sup> CA 18.8.3. «Por compaixão para com os pecadores, para obter a sua conversão, peço-vos, ó meu Deus, de ser ferida para eles pelas almas justas que estão a meu lado» (Ct 259). É o caso, por exemplo, de seu «irmão» H. Loyson (Ct 129).

<sup>167</sup> P. 54, 22.

<sup>168</sup> Ms C, 10 rº.

<sup>169</sup> Ms B, 3 rº.

<sup>170</sup> P 46, 3.

## Conclusão

Teresa de Lisieux faz parte daquela «nuvem de testemunhas da fé» que «com os olhos postos em Jesus, autor e consumidor da fé» (Hb 12, 1), seguiram os seus passos (1 P 2, 21). Desde muito cedo se sentiu «atraída» pelo amor de Cristo — «o teu amor cresceu comigo»<sup>171</sup> — e, desde a sua juventude, deixou que «o Músico Divino se encarregasse do concerto» da sua vida<sup>172</sup>.

«Ó Jesus, meu Bem-Amado! quem poderá dizer com que ternura, com que suavidade, conduzis a minha pequena alma! como vos comprazeis em me fazer brilhar os raios da vossa graça mesmo no meio da mais sombria tempestade!»<sup>173</sup>

Também a ela Jesus lhe falou nas trevas<sup>174</sup> e a instruiu na «ciência do Amor»<sup>175</sup>. Como Maria também ela viveu de fé<sup>176</sup>, em noite de fé<sup>177</sup>, em prova de fé<sup>178</sup>, em tentação contra a fé<sup>179</sup>. O próprio Jesus, durante «a curta noite da sua vida»<sup>180</sup> — «aqui na terra é noite até que desponte o outro dia»<sup>181</sup> — passou por três noites<sup>182</sup>. O Pai, que corrige todos os seus filhos (Hb 12, 8), não poupou o seu Filho (Rm 8, 32), que aprendeu a obedecer no sofrimento (Hb

<sup>171</sup> Ms C, 34 vº-35 rº.

<sup>172</sup> Ct 165.

<sup>173</sup> Ms B, 2 rº.

<sup>174</sup> Ct 135.

<sup>175</sup> Ms B, 1 rº. «A «ciência de fé» de Teresa é «uma pequena teologia da misericórdia divina» (C. Meester, *o.c.*, pp. 417-429). «...Conheço teus segredos / porque sou tua esposa » (P. 24, 20).

<sup>176</sup> CA 21.8.3.

<sup>177</sup> CA 11.8.5. «Eu grito na noite da terra / Quero sempre obedecer aqui em baixo» (P 48, 4). «Teresa, na sua noite abre-se a Deus. Este é o seu combate: *crer no meio da noite*» (J. F. Six, *o.c.*, p. 151).

<sup>178</sup> Ms C, 31 rº.

<sup>179</sup> Ms C, 11 rº.

<sup>180</sup> Ct 141.

<sup>181</sup> S. João da Cruz, 2 N 20, 6.

<sup>182</sup> A noite do deserto (Mt 4, 1-13), a do Getsémani (Mt 26, 36-46) e a da Cruz (Mt 27, 32-56). Jesus fala das suas «provas-tentações» (Lc 22, 28). Porque foi provado (tentado) pode socorrer os que são provados-tentados (Hb 2, 18).

5, 8). Maria foi submetida à noite<sup>183</sup>, bem como os apóstolos<sup>184</sup>. Se «as provas de Jesus são um mistério»<sup>185</sup>, então, «toda a prova é um mistério»<sup>186</sup>, que faz da nossa vida um mistério<sup>187</sup>. A prova é positivamente querida por Deus<sup>188</sup>, a tentação é permitida com função purificadora<sup>189</sup> e apostólica<sup>190</sup>. Jesus, a prata limpa no crisol,

<sup>183</sup> CA 11.7.1. «Para a sua Mãe, não faz milagres antes de ter *provado a sua fé*» (Ms A, 67 vº). Também Maria esteve «mergulhada na noite, na angústia do coração» (P 54, 16). «Depois do dia da apresentação de Jesus no templo, *estou continuamente preparada para a prova...*» (RP 6, 2 vº). Eis o conselho que Teresa, por S. José, dá a Susana: «Olha bem o que faz Maria; imita-a, *crendo firmemente* que Deus pode curar o teu filho, e este Deus de bondade *recompensará a tua fé*» (RP 6, 6 vº). «Alcança particular relevo a figura de *Maria junto à Cruz*, como “exemplo vivo da alma que busca a Deus às escuras, na noite da fé” (P 54, 15), para compreender a noite de santa Teresinha» (A. Olea, *o.c.*, p. 200). «A prova da fé identifica Teresa com Maria junto à Cruz...Com Maria e como Maria junto à Cruz, Teresa comunga na glória de Jesus mediante a prova da fé. Como Maria, Teresa aproxima-se dos dois extremos do mistério de Jesus sofredor e glorioso na cruz. Segundo S. João, a glória está presente na Cruz. A teologia teresiana apresenta-se como a síntese paradoxal do esplendor do amor e da kénose da fé, na comunhão do mistério da redenção» (F.M. Léthel, *Connaître*, pp. 520-521).

<sup>184</sup> Ct 161.

<sup>185</sup> Ct 165.

<sup>186</sup> Ct 144. A prova teve, para Teresa, um sentido *purificador* (Ms C, 7 vº) e, para os pecadores, tem um sentido *redentor*» (Ms C, 6 rº). «A prova de Teresa tinha por finalidade purificar a sua fé, a sua esperança, a sua caridade e fazer crescer o seu sentido apostólico» (E. Renault, *o.c.*, p. 79).

<sup>187</sup> Ct 145. «Todas as almas têm mais ou menos *os mesmos* combates, mas, por outro lado, são tão *diferentes*» (Ms C, 23 rº).

<sup>188</sup> Ct 190. «Deus ensina-me a verdade. Sei muito bem que tudo vem dele» (CA 4.8.3). «O bom Deus *quer* que suportes sozinha a tua prova» (Ct 236). Deus que «intervém em tudo para o nosso bem» (Rm 8, 28), «não tenta ninguém» (Tg 1, 13). Ela considera a sua prova como «uma grande graça» (Ms C, 4 vº). Deus é, pois, o autor da sua prova de fé: «Ele *quer* esconder-se para provar a minha fé» (P 28, 5); «dir-se-ia que *quer* fazer-me «crer» que não há céu» (CA 15.8.7).

<sup>189</sup> CA 25.8.16. A tentação vem do «inimigo» (Ms C, 7 rº) para fazer faltar de paciência e de fé (CA 25.8.6). «O seu *adversário provoca-a* directamente no essencial, *na fé*» (E. Renault, *o.c.*, p. 48) e para a «fazer desesperar» (UC /G 16.8). «Felizmente todas as suas manhas, para sua vergonha, só serviram para tornar mais brilhante a vitória de uma criança» (Ct 201).

<sup>190</sup> CA 30.9. «Quando Jesus chama uma alma para dirigir, para salvar multidões doutras almas, é muito necessário que lhe faça experimentar as *tentações* e as *provas da vida*» (Ct 198). «Teresa discerniu muito bem a diferença entre a prova e a tentação» (E. Renault, *o.c.*, p. 60).

sete vezes purificada<sup>191</sup>, «prova a fé da sua esposa»<sup>192</sup> ao «escolher para ela o mesmo caminho que escolheu para si»<sup>193</sup>: «é preciso que Jesus te ame com um amor particular para te provar assim»<sup>194</sup>.

Na verdade, «Deus prova os que ama» (Hb 12, 6), e aos que mais amam, mais Ele os prova<sup>195</sup>, como o ouro no crisol<sup>196</sup>. «Duro é o tratamento que Deus reserva aos seus amigos»<sup>197</sup>, por isso, «tem tão poucos»<sup>198</sup>. «Jesus é um «esposo de sangue» que quer para ele todo o sangue do coração»<sup>199</sup>, é um «ramalhete de mirra» para suas esposas<sup>200</sup>. Teresa sentiu que é «a mão de Jesus quem conduz tudo»<sup>201</sup> e, por todos os meios<sup>202</sup>, com provas exteriores e interiores<sup>203</sup>, nos «deixa mergulhados nas trevas»<sup>204</sup>. Jesus intervinha na sua vida por meio de factos reais — «só Ele dispõe os acontecimentos da nossa vida de exílio, é Ele que, por vezes, nos apresenta o cálice amargo»<sup>205</sup> —,

<sup>191</sup> Sl 11,7, segundo a interpretação de S. João de Cruz (CH 2, 29).

<sup>192</sup> S. João da Cruz, 2 N 21, 5. «Sponsabo te mihi in fide» (Os 2, 20).

<sup>193</sup> Ct 149.

<sup>194</sup> Ct 81. «Deus prova sempre os que ama» e «prova no que mais amamos» (Ct 68).

<sup>195</sup> Ct 81, onde cita S. Teresa de Jesus, CV 32, 7.

<sup>196</sup> Ct 165, onde cita Sb 3, 6.

<sup>197</sup> S. João das Cruz, 2 N 3, 3. Cf. S. Teresa de Jesus, Ct 219, 3. Teresa evoca a prova do seu «heróico patriarca»: «Ele aceitou esta prova, da qual compreendia toda a humilhação, e levou o heroísmo até não querer que se pedisse a sua cura» (Ct 261).

<sup>198</sup> Ct 155: 178, onde cita S. Teresa de Jesus, CV 1, 2 e 32, 7.

<sup>199</sup> Ct 82. Teresa comenta assim a reciprocidade de amor querida por Jesus: «Amor por amor, vida por vida, sangue por sangue» (Ct 201). Canta-a desta maneira: «Meu Bem-Amado, Beleza suprema /Tu entregas-te a mim / Mas em troca / Jesus, eu amo-te /E a minha vida não é mais do que um só acto de amor!» (P 28, 2).

<sup>200</sup> Ct 165.

<sup>201</sup> Ct 149. «Não foi uma mão humana que fez isto, foi Jesus, foi o seu «olhar velado» que caíu sobre nós» (Ct 120).

<sup>202</sup> Ct 147.

<sup>203</sup> Ct 137.

<sup>204</sup> Ct 78.

<sup>205</sup> Ct 149.

para a tornar robusta na fé — «creio firmemente que serei salva»<sup>206</sup> —, fortalecendo-a para «o dia da prova»<sup>207</sup>.

Ao longo destas páginas, acompanhámo-la no caminho da sua fé, quer na história da sua vocação carmelitana — «a noite da minha alma» — como luta pelo reconhecimento da autenticidade da sua vocação, quer na história da sua vocação eclesial — «a minha prova contra a fé» — como fidelidade heróica à noite escura da sua vocação contemplativa<sup>208</sup>.

«Se as nuvens sombrias vêm a esconder o *Astro do Amor*, a pequena ave não muda de lugar, sabe que para além das nuvens o seu Sol continua sempre a brilhar, que o seu resplendor não se poderá eclipsar um só instante. É verdade que, por vezes, o coração da pequena ave se vê acometido pela tempestade, parece-lhe não acreditar que exista outra coisa senão as nuvens que a envolvem; é então, o momento da *alegria perfeita* para o fraco e *pobre pequenino ser*. Que alegria para ela *continuar* ali apesar de tudo, fixar a luz invisível que se oculta à sua fé!!!...»<sup>209</sup>.

Só a experiência pessoal da prova, activa e passiva, da veracidade e firmeza de uma vocação e missão cristã, permitirá, na escola de Teresa, seguir Jesus «sujeito e sujeitado por amor do Pai»<sup>210</sup>: «Ó nossa Madre, é bem fácil escrever belas coisas sobre o sofrimento, mas escrever não é nada, nada! É preciso *estar nele* para saber!»<sup>211</sup>. A antiga sabedoria já interrogava: «que sabe aquele que não foi provado e tentado?»<sup>212</sup> e já respondia: «quem não tem experiência

<sup>206</sup> «*Não credes que sereis salva?...Creio firmemente*, como as minhas vozes mo disseram, *que serei salva*» (RP 3, 17 rº).

<sup>207</sup> Ct 154. Foi o Senhor quem «adestrou as suas mãos para o combate e os seus dedos para a guerra» (Ms C, 8 vº).

<sup>208</sup> S. João da Cruz, 2 N 5, 1.

<sup>209</sup> Ms B, 5 rº.

<sup>210</sup> S. João de Cruz, 2 S 22, 6.

<sup>211</sup> CA 25.9.2.

<sup>212</sup> Sir 34, 9.11. Na carta 198, associa este texto com o de Tg 1, 12: «Feliz o homem que sofreu a provação» (Sb 3, 5-6). Foi o caso de seu pai, «a vítima escolhida para nele (altar) ser imolada com o Cordeiro sem mancha» (Ms A, 71 vº), que «o Senhor recebeu como uma hóstia de holocausto e provou como o ouro na fornalha e achou-o digno de si» (ED, Recordação de M. Martin (1894)). «O Nosso querido Pai bebia na mais amarga, na *mais humilhante* de todas as copas» (Ms A, 73 rº). «Esta cruz era a maior que eu poderia ter imaginado» (Ct 155).

pouco saber!»<sup>213</sup>. Ora, precisamente porque foi «provada na sua fé», estava «madura» (Ef 4, 13) para saber «o que é passar provas exteriores e interiores»<sup>214</sup>, para discernir a noite escura de Celina<sup>215</sup>, agradecê-la a Deus<sup>216</sup>, e exortá-la a «permanecer no campo de batalha, sorrindo a Jesus no meio das lágrimas»<sup>217</sup>, para «explicar «o que é uma alma mergulhada na secura»<sup>218</sup> e «uma alma descida ao vale da sombra da morte»<sup>219</sup>. Sabedora de que só há uma noite para amar e fazer amar Jesus<sup>220</sup>, de que um instante é um tesouro<sup>221</sup>, convida a «não perder a prova que Jesus nos envia, pois é uma mina de ouro a explorar»<sup>222</sup>.

Com este sentido urgente do tempo, não é de estranhar que à pedagogia normal com que Jesus conduziu a sua vida — «Jesus tomou-me pela mão e fez-me entrar num subterrâneo»<sup>223</sup> —, Te-

---

«Durante a doença de seu pai, Teresa passa de uma fé tradicional à fé pessoalmente assumida e responsável... Teresa conheceu a obscuridade da fé, mas nunca cessou de ser fiel à sua fé. A noite podia cair, levantar-se a tempestade, mas para ela haveria o facto Jesus, todo o seu apoio: «corro para o meu Jesus» (Ms C, 7 rº). «Jesus» torna-se o seu grande argumento e a Sua palavra a sua grande certeza. Agora a sua fé é verdadeiramente «cristã» (C. Meester, *o.c.*, pp. 63; 65-66).

<sup>213</sup> Sir 34, 10.

<sup>214</sup> Ct 167. «Seguiu os conselhos de um Director que a mandou copiar o Credo e trazê-lo ao coração para vencer as tentações contra a fé» (Ir. Genoveva, PA, 969).

<sup>215</sup> Ct 144. «É incrível como nós temos sempre as mesmas provas» (Ct 167). «Celina ficou sozinha para o glorioso e sangrento combate a que Jesus a destinava como privilegiada do seu amor» (Ms A, 49 vº).

<sup>216</sup> Ct 168.

<sup>217</sup> Ct 149. O mesmo fez em relação à prova da Madre Maria de Gonzaga (Ct 190) e de Leónia (Ct 171). Teresa «ampara a Ir. Genoveva na sua «prova de comunidade», para que aceite a amargura que vem dos justos por compaixão pelos pecadores» (Ct 259).

<sup>218</sup> Ct 165.

<sup>219</sup> Ct 262.

<sup>220</sup> Ct 96.

<sup>221</sup> Ct 89.

<sup>222</sup> Ct 82. «Tereis talvez grandes provas, mas eu enviarei luzes que vos farão aceitá-las e amá-las» (CA 13.7.16). «Ninguém escapa, num dia ou noutro, de uma maneira ou de outra, à prova da fé» (Gaucher, *Préface* a E. Renault, *o.c.*, p. 17). É bem verdade que «o discípulo não é mais que o Mestre» (Mt 10, 24).

<sup>223</sup> Ct 110.

resa correspondesse com a melhor receptividade: «consentirei, se é sua vontade, caminhar toda a minha vida no caminho obscuro»<sup>224</sup>. Ao deixar que a prova revelasse o seu verdadeiro rosto de «mulher de grande fé»<sup>225</sup>, estava a transformar-se numa «noite que transmite à outra noite a mensagem da fé» (Sl 18, 3), numa «figura de proa solitária que avança na noite, anunciando proféticamente a prova da fé aos homens do século XX»<sup>226</sup>, para os «ensinar a navegar no mar tempestuoso do mundo com o *abandono* e o amor *de uma criança* que sabe que seu Pai a ama e não a deixa só na hora do perigo»<sup>227</sup>.

«Podemos dizer com convicção de Teresa de Lisieux que o Espírito de Deus permitiu ao seu coração revelar directamente aos homens do nosso tempo, *o mistério fundamental*, a realidade fundamental do Evangelho: o facto de ter recebido realmente «um espírito de filhos adoptivos que nos faz gritar: Abbá! Pai!». A «pequena via» é a via da «santa infância». Nesta via, há ao mesmo tempo a confirmação e a renovação da verdade mais *fundamental* e mais *universal*. Que verdade da mensagem evangélica é, com efeito, mais fundamental e mais universal que esta: Deus é nosso Pai, nós somos seus filhos?»<sup>228</sup>.

---

<sup>224</sup> Ct 112.

<sup>225</sup> «Mais depressa se cansará Deus de *provar-me* que eu de *confiar n'Ele*» (PA, p. 611). «Ainda que me matasse, esperaria n'Ele» (CA 7.7.3).

<sup>226</sup> G. Gaucher, *Préface* a E. Renault, *o.c.*, p. 15. É a tarefa que, desde o céu, Teresa quer realizar na terra (Ct 258). «Quando Deus chama uma alma a dirigir, a salvar multidões de outras almas, é muito necessário que lhe faça experimentar as *tentações e as provas da vida*» (Ct 198). «Esta sua fé, sem outro apoio que Deus, permitirá que vejamos na nossa própria vida a prova da Fé» (G.M. Garrone, *o.c.*, p.62). Diante de tal firmeza, «é preciso violentar-se a si mesmo para não crer...» (C. Péguy). «Teresa é representativa da experiência religiosa do «nada», única verdadeira experiência religiosa do nosso tempo, em que a ausência da experiência religiosa é ela própria uma experiência religiosa» (B. Welt, *La luce del nulla. Sulla possibilità di una nuova esperienza religiosa*, Queriniana, Brescia, 1990, pp.20-21).

<sup>227</sup> Ct 258. «Às portas do sec. XX, Teresa diz a todos aqueles para quem a fé é um dado certo...que a *fé madura vive-se na prova do não-crer*, na confiança como aposta pelo amor no meio da noite» (J. F. Six, *o.c.*, pp. 237-238).

<sup>228</sup> J. Paulo II, *Homilia diante da Basílica de Lisieux*, 2/6/1980. «Meu Céu é...chamá-Lo meu Pai e ser seu filho» (P. 32, 4). «O «Notre Père», recitado *muito lentamente*, arrebatava-a e alimentava a sua alma» (Ms C, 25 vº). «Ela é um dos profetas para o nosso tempo (...) que soube verdadeiramente exprimir-nos o Pai» (J.-F. Six, *Au coeur même de l'Eglise*, DDB, 1966, p. 9).

Se, como dizia Pio XI, «os homens têm hoje particularmente necessidade de uma luz que os guie»<sup>229</sup>, ninguém como Teresa, que por Deus «gritou na noite da terra»<sup>230</sup>, com inteira confiança<sup>231</sup> e audacioso abandono<sup>232</sup>, «pode traçar aos outros um caminho certo de salvação»<sup>233</sup>, uma vez que se deixou ensinar directamente por Jesus<sup>234</sup>. Neste sentido, Teresa «brilha aos homens rectos como luz nas trevas» (Sl 111,4), porque, apesar de, na sua prova contra a fé, não entender a sua experiência desconcertante — é mistério da Providência<sup>235</sup> fazê-la «crer» que não há céu<sup>236</sup> —, devido à sua estranheza e incoerência<sup>237</sup> — «só Deus a pode compreender»<sup>238</sup> —, interpretou serenamente o seu significado positivo<sup>239</sup> e saiu vitoriosa deste longo e cruel combate, como indicia a alegria e paz com que sofria<sup>240</sup>.

---

<sup>229</sup> Pio XI, *Discurso na Promulgação do Decreto «di Tuto» da Venerável Teresa do Menino Jesus*.

<sup>230</sup> P. 48, 4.

<sup>231</sup> Ms B, 5 vº.

<sup>232</sup> Ms B, 5 rº.

<sup>233</sup> Pio XI, *Bula de Canonização «Vehementes exultemus»*, 17/5/1925.

<sup>234</sup> Ms A, 83 vº.

<sup>235</sup> Jesus é o autor da sua prova de fé: «sou Eu que, não só permiti, mas quis, a grande prova que a fez tanto sofrer» (Ct 190).

<sup>236</sup> CA 15.8.7.

<sup>237</sup> CA 3.7.3.

<sup>238</sup> CA11.7.1. Teresa relativiza esta afirmação absoluta: «Só desde o Céu compreenderemos o valor do sofrimento e da prova» (Ct 186).

<sup>239</sup> Ms C, 4 vº. «Não quero escrever mais, por temor a blasfemar...Até tenho medo de ter dito demasiado» (Ms C, 7 rº), quer dizer, «tem medo de ofender a Deus ao expressar por palavras semelhantes pensamentos» (DE I, p. 451). Guardava silêncio: «Faz tanto bem e proporciona tanta fortaleza nunca falar das próprias penas» (CA 5.8.10). «Ele concedeu-lhe a graça de sair vitorioso da luta, espero, Senhor Abade, que o Nosso doce Jesus, realizará os seus grandes desejos» (Ct 198). Exegeta da sua própria prova, lê-a teologalmente como abandono de Deus - Ele quer esconder-se para provar a minha fé» (P. 32, 5) - que, embora aparente desumanidade (CA 29.9.11), é, realmente, bondade de Deus (CA 23.8.1), para ela se abandonar nas suas mãos (CA 15.6.1). Este virtual abandono de Deus é, ao mesmo tempo, escândalo que causa sofrimento (2 N 7, 7) e que evangeliza (2 N 22, 2), isto é, causa alegria: «Senhor, colmais-me de alegria com tudo o que fazeis» (Ms C, 7 rº).

<sup>240</sup> Ms C, 4 vº. «Num buraco negro como esse encontro-me eu, tanto na alma como no corpo. Ah! sim, que trevas! Mas estou em paz» (CA 28.8.3). «...No

O pouco que ela segreda, na sua prudente reserva, do teodrama da sua fé<sup>241</sup> — «um esboço comparado com o modelo»<sup>242</sup> — é já, sem qualquer espécie de exagero<sup>243</sup>, um realismo de luz e amor a Cristo-Verdade<sup>244</sup>, alimento da sua vida<sup>245</sup>, da «verdade da sua vida»<sup>246</sup>, de todo o seu magistério oral e escrito<sup>247</sup>, que fez dela «a maior santa dos tempos modernos»<sup>248</sup>, uma «Palavra de Deus para o nosso tempo»<sup>249</sup>, certamente do Deus que prova o homem na fé, e mesmo na indiferença<sup>250</sup>, para que os homens, crentes ou descrentes, a seu modo<sup>251</sup>, sejam «a luz e as trevas que bendizem o Senhor»

---

interior, estou sempre na *prova...mas também em paz*» (CA 8.9). «Esta *paz* estava no *fundo* e a amargura enchia-me a alma» (Ms A, 64 rº). «Na manhã de 8 de Setembro senti-me *inundada* com um rio de *paz* e foi nesta *paz* «superior a todo o sentimento» que pronunciei os meus Santos Votos» (Ms A, 76 vº). «A *paz*, sempre a *paz*, achava-se no fundo do cálice» (Ms A, 77 rº). «Servi a Deus em *paz...o nosso Deus*, é o *Deus da paz*» (Ms A, 78 rº). «Durante a crise de fé, como durante a sua doença, o que mais chama a atenção é a confiança, a intimidade, a serenidade, o humor» (L. Aróstegui, *a.c.*, p. 195).

<sup>241</sup> Amava Jesus em fé, na esperança de o vir a vêr; mas, era-lhe indiferente amá-lo na fé ou na visão (CA 15.5.7). Era tal a intensidade da sua vida crística - «estou sempre com Ele» (Ms A, 83 rº) - que - «toda vestida de Deus e banhada em divindade» (CB 26, 1) - ao viver a «tríade teológica» (2 S 24, 8), se imagina já na felicidade do Céu: «Vejo o que *acreditei*, possuo o que *esperei*, estou unida Àquele que *amei*, com toda a minha capacidade de amar» (Ct 245). «A sua maneira de agir, o seu olhar, o seu sorrir, tudo exprimia a sua união a Deus e o seu *espírito de fé*» (M. Inês, PA, p.150). Das suas veementes tentações contra a fé só fala à M. Inês (PO, p.152). Sua irmã Maria só as conhecerá depois da sua morte (PA, p. 238).

<sup>242</sup> Ms C, 7 rº; cf. Ms B, 1 vº.

<sup>243</sup> Ms C. 7 vº.

<sup>244</sup> Ct 165.

<sup>245</sup> CA 5.8.4; 30.9.

<sup>246</sup> Ms A, 31 vº.

<sup>247</sup> CA 25.9.2.

<sup>248</sup> Pio X numa audiência a um Bispo missionário (Cf. *Les Annales de Sainte Thérèse de Lisieux*, 27 (1951), Julho, p. 6).

<sup>249</sup> Pio XI, *Discurso de 11/2/1923*.

<sup>250</sup> Já se vai escrevendo sobre a «noite da indiferença», apesar da «noite escura» ser uma *graça* que exige uma *resposta teológica de fé*. Na verdade, porque o Espírito de Deus enche o Universo (GS 11), e rege a história dos homens de boa vontade (GS 26), podem associar-se ao mistério pascal de Cristo e viver em noite de tribulação (GS 22) e de cruz os seus trabalhos humanos (GS 38).

<sup>251</sup> «Nenhum fiel pode esquecer que há sempre nele *um não-crente que crê*» (D. Pérezil, na introdução a G. Bernanos, *Cahiers de «Monsieur Ouine*», Seuil, Paris,

(Dan 3, 72). O lusco-fusco de toda a sua vida resume-se num acto de fé orante.

«Meu Deus, com o auxílio da vossa graça estou pronta a verter todo o meu sangue para afirmar a minha fé»<sup>252</sup>.

No entanto, no seu caso, ela «combateu o bom combate e guardou a fé» (2 Tim 4, 7), sem a Providência a provar no «martírio do sangue», aliás, desejado por ela, exigindo-lhe apenas a vivência da fidelidade à sua fé num prolongado «martírio de amor»: «É tão doce, dizia ela, servir o bom Deus na noite da prova, não temos senão esta vida para viver de fé»<sup>253</sup>. Apesar da consciência de ser «um fraco instrumento não necessário ao Senhor», viveu o compromisso de «lutar pelo Amor de Jesus até à tarde da sua vida»<sup>254</sup>, ainda que na mais escura e insensível fé.

«Ó meu Bem-Amado, por teu amor, aceito não ver aqui em baixo a doçura do teu Olhar, não sentir o inexprimível beijo da tua Boca, mas suplico-te que me abrases com teu amor, afim de que me consuma rapidamente e me faça aparecer depressa diante de ti»<sup>255</sup>.

Foi então que *levantou* a cabeça, contemplou o Céu, que (lhe) era muito *alegre*, pois, «todas as suas provas tinham terminado e o inverno de sua alma passara para sempre»<sup>256</sup>. Assim se cumpriu nela a palavra de Jesus: «O que crê em mim, ainda que morra, viverá»

1991, p. 11). «*Não crentes*, irmãos meus, a vosso modo, *sois também crentes* como nós» (E. Poulat, *Bernanos y la increencia*, em *La Croix* (23/5/1992).

<sup>252</sup> Or 19. Na verdade, «a prova da fé é o único «problema» da vida...» (H. Delbet, *Primauté de la grâce: Thérèse de Lisieux*, em *Studies in Spirituality* 5/1995, 173).

<sup>253</sup> CSG, p. 154. E assim, a sua vida de simples fé, pôde e pode servir de modelo à multidão das «pequenas almas» que, como ela, seguem o *caminho comum*, na noite da fé (Ir. M. da Trindade, PA, 2346).

<sup>254</sup> Or 17. «Não me arrependo de me ter entregado ao amor» (CA 30.9).

<sup>255</sup> Or 16.

<sup>256</sup> Ms A, 12 vº. Por fim, podemos dizer dela o que ela diz de S. Cecília: «...A sua vida foi toda ela um cântico melodioso mesmo no meio das maiores provas...» (Ms A, 61 vº). «Seu coração permanecerá puro, sua *fé grande e sublime* / até ao seu último dia» (RP 1, 6 rº).

(Jo 11, 25). Sim, porque esta «mulher de grande fé»<sup>257</sup>, «não morreu, entrou na vida»<sup>258</sup>. Por isso, pode «confirmar» na fé as suas irmãs e irmãos, fazendo-os «orar» como ela.

«Não cesso de dizer ao bom Deus :  
“Meu Deus, peço-vos,  
Lívra-me da desgraça de ser infiel”»<sup>259</sup>.

MANUEL REIS

---

<sup>257</sup> Teresa tornou-se num «gigante da fé» (C. Meester, *Les mains*, p. 59).

<sup>258</sup> Ct 244.

<sup>259</sup> «Antes da sua queda, Nosso Senhor disse-lhe: “Quando te restabeleças, fortalece os teus irmãos”. Queria dizer-lhe: Persuade-os, com a tua própria experiência, da debilidade das forças humanas» (CA 7.8.4). Teresa ao rezar: « Faz que eu me Assemelhe a ti, Jesus!...» (Or 11), subentenderá certamente «na fidelidade da fé».